

**UNIVERSIDADE ESTADUAL DO PIAUÍ
CAMPUS ALEXANDRE ALVES DE OLIVEIRA
LICENCIATURA EM LETRAS INGLÊS**

GIOVANNA MARIA COSTA DE SOUSA

**POR QUE AS MULHERES CASAM?:
desvelando o véu do casamento em The seven husbands of Evelyn Hugo (2017)
à luz dos estudos feministas**

**PARNAÍBA
2024.2**

UNIVERSIDADE ESTADUAL DO PIAUÍ
CAMPUS ALEXANDRE ALVES DE OLIVEIRA
LICENCIATURA EM LETRAS INGLÊS

GIOVANNA MARIA COSTA DE SOUSA

POR QUE AS MULHERES CASAM?:

desvelando o véu do casamento em The seven husbands of Evelyn Hugo (2017)

à luz dos estudos feministas

Monografia apresentada como trabalho de conclusão de Curso de Licenciatura em Letras Inglês da Universidade Estadual do Piauí, Campus Alexandre Alves de Oliveira, como pré-requisito para a obtenção do título de Licenciada em Letras Inglês, sob orientação da Professora Doutora Renata Cristina da Cunha.

Linha de pesquisa: Estudos Literários

PARNAÍBA

2024.2

S725p Sousa, Giovanna Maria Costa de.

Por que as mulheres casam? Desvelando o véu do casamento em The seven husbands of Evelyn Hugo (2017) à luz dos estudos feministas / Giovanna Maria Costa de Sousa. - 2024.
69f.

Monografia (graduação) - Universidade Estadual do Piauí - UESPI, Licenciatura em Letras - Inglês, Campus Prof. Alexandre Alves de Oliveira, Parnaíba-PI, 2024.

"Orientadora: prof.ª Dra. Renata Cristina da Cunha".

1. Estudos Feministas. 2. Casamento. 3. The seven husbands of Evelyn Hugo (2017). 4. Análise Literária. I. Cunha, Renata Cristina da . II. Título.

CDD 801.95

GIOVANNA MARIA COSTA DE SOUSA

POR QUE AS MULHERES CASAM?:

desvelando o véu do casamento em The seven husbands of Evelyn Hugo (2017)

à luz dos estudos feministas

Monografia apresentada como trabalho de conclusão de Curso de Licenciatura em Letras Inglês da Universidade Estadual do Piauí, Campus Alexandre Alves de Oliveira (Parnaíba), como pré-requisito para a obtenção do título de Licenciada em Letras Inglês.

Linha de pesquisa: Estudos Literários

COMISSÃO EXAMINADORA:

Professora Orientadora: **Doutora Renata Cristina da Cunha**

Universidade Estadual do Piauí – Campus Parnaíba

Professor Convidado: **Doutor Ruan Nunes Silva**

Universidade Estadual do Piauí – Campus Parnaíba

Professor Convidado: **Doutor Rubenil da Silva Oliveira**

Universidade Federal do Maranhão – Campus Bacabal

APROVADA EM 12/12/2024.

In your life, you will inevitably misspeak, trust the wrong people, under-react, overreact, hurt the people who didn't deserve it, overthink, not think at all, self sabotage, create a reality where only your experience exists, ruin perfectly good moments for yourself and others, deny any wrongdoing, not take the steps to make it right, feel very guilty, let the guilt eat at you, hit rock bottom, finally address the pain you caused, try to do better next time, rinse, repeat. And I'm not gonna lie, these mistakes will cause you to lose things. I'm trying to tell you that losing things doesn't just mean losing. A lot of the time, when we lose things, we gain things too.

- Taylor Swift

AGRADECIMENTOS

Escrever esse trabalho tem sido um dos desafios mais encantadores da minha vida, escrevo aqui das coisas que gosto e das coisas que me frustram. E assim é a vida. A minha jornada até aqui não seria possível sem o amor, o afago, os “puxões de orelha”, as conversas, as risadas, as lágrimas, os abraços, e os ensinamentos de quem vivenciou esse período da minha vida junto a mim. Aqui demonstro toda minha gratidão e amor.

À minha fé, por nunca deixar eu cair sempre que eu tropiquei.

À minha família; aos meus pais *Artemiza e Gilvan*, por sempre acreditarem no meu potencial e sempre investirem no meu conhecimento, por me ensinar todos os dias que devo ser resiliente e grata, mas que posso ser forte e vulnerável também; aos meus avós *Domingas e João* que me deram o prazer e a felicidade de viverem junto a mim, por me criarem e me educarem também junto de meus pais, por serem os melhores avós que eu poderia ter; à minha irmã **Juliana** por sempre me abraçar e nunca me deixar sozinha ou me sentir sozinha, mesmo que fosse inevitável em alguns momentos, por me fazer rir em meios as lágrimas, por todas as brigas e por todas as confissões, por existir; aos meus padrinhos *Mila e José* por me acolherem, por me apoiarem, por fazer tudo que meus pais fariam por mim; ao meu primo/irmão *João Wesley* e ao meu sobrinho *João Emanuel* por fazerem meus dias mais felizes e por serem quem são.

À *Naira e Taynara* por todas as noites do pijama;

À *Anna Biatríz* pelas longas conversas, pelos bons e maus dias, mas juntas.

À *Carol, Jade, Luca e Sammy* por todas as ligações de vídeo que me fizeram feliz quando não era um bom dia, pelas suas almas serem gêmeas a minha, por falarem tanta bobagem e me fazerem chorar de rir, por estarem nos momentos bons e ruins, por nos amarmos, por serem quem são e me fazer quem sou.

Aos meus colegas de turma, pelos longos quatro anos, com certeza, inesquecíveis; em especial à *Letícia Jade, João Henrique, Natália, Renatinha, Franciel e Brenda* vocês tornaram essa jornada mais leve e divertida.

Meu agradecimento a/aos professoras/res que compartilhei essa jornada acadêmica.

Deixo aqui minha imensa gratidão à *Francimaria Machado* pela leveza das aulas e por ser a personificação de leveza.

Ao *Ruan Nunes* por acreditar em mim; por fazer mágica nas aulas e ter o superpoder de tornar algo difícil em algo fácil; por fazer transparecer amar o que faz; quando eu crescer quero

ter um pouco da sua competência como excelente profissional que é; e por todos esses anos, mesmo com os altos e baixos, nunca desistir desse curso; be kind to yourself. Quick reminder, Alanis Morissette says in Recieve: “I give hard and serve hard and now I, I need a break. I give big, I give all and now it's time to regenerate”, keep that in mind. Obrigada por ser que é – um PAI!

À *Renata Cunha*, não sei se estaria hoje escrevendo esse trabalho se não fosse você! Você acreditou em mim since day one, mesmo quando eu não acreditei; você respondeu ao meu entusiasmo por pesquisar sobre feminismo com entusiasmo; você sempre soube que seria a Evelyn Hugo que me faria companhia nessa jornada; pelas aulas de Crítica Literária, e por despertar em mim mais ainda a feminista que sou hoje; por não medir esforços pelos seus; por amar o que faz e me inspirar a ser, pelo menos um pouquinho, como você; pelos puxões de orelha e pelos abraços quando não era um bom dia, você não sabia, mas acabou deixando meu dia melhor; guardo você com muito carinho no meu coração.

*“People don't find it very sympathetic or
endearing, a woman who puts herself first.”
- Taylor Jenkins Reid
The seven husbands of Evelyn Hugo*

SOUSA, Giovanna Maria Costa de. **Por que as mulheres casam?:** desvelando o véu do casamento em *The seven husbands of Evelyn Hugo* (2017) à luz dos Estudos Feministas. 2024. 69 f. Monografia (Graduação em Letras Inglês) – Universidade Estadual do Piauí, Campus Alexandre Alves de Oliveira, Parnaíba, 2024.

RESUMO

Os Estudos Feministas analisam o casamento sob uma ótica que questiona suas implicações sociais, culturais e políticas, particularmente no que diz respeito à opressão e submissão feminina. É também sobre essas nuances que trata a obra literária, corpus desta pesquisa, Evelyn Hugo e seus sete maridos, escrita por Taylor Jenkins Reid, em inglês, *The Seven Husbands of Evelyn Hugo* (2017). Em outras palavras, este estudo trata das múltiplas facetas que atravessam não apenas o ato de se casar, indo além das razões tradicionalmente associadas para tal acontecimento, quanto do casamento propriamente dito, à luz dos Estudos Feministas. Nesse sentido, buscamos responder a seguinte pergunta: Como os sete casamentos vivenciados por Evelyn Hugo, narrados em *The seven husbands of Evelyn Hugo* (2017), refletem as motivações e as expectativas sociais acerca do casamento, à luz dos Estudos Feministas? Para responder tal questionamento, foi definido o seguinte objetivo geral: investigar como os sete casamentos vivenciados por Evelyn Hugo, narrados em *The seven husbands of Evelyn Hugo* (2017), refletem as motivações e as expectativas sociais acerca do casamento, à luz dos Estudos Feministas. Com o intuito de alcançá-lo, os seguintes objetivos específicos foram estabelecidos: (i) discutir os pressupostos teóricos dos Estudos Feministas, com ênfase no conceito de casamento; (ii) analisar a motivação para cada um dos sete casamentos de Evelyn Hugo; e (iii) refletir sobre a relação entre as expectativas sociais e os sete casamentos de Evelyn Hugo. Para alcançar esses objetivos, foi realizada uma investigação com abordagem qualitativa, na modalidade bibliográfica, de cunho exploratório, embasada em Lois Tyson (2023), Simone de Beauvoir (2013), Heleieth Saffioti (2015), entre outros/as/es. Os achados da pesquisa revelam como as mulheres, particularmente as que ocupam posições de destaque, como Evelyn Hugo, são, muitas vezes, forçadas a se adequar e/ou a manipular as expectativas sociais para sobreviver e prosperar. Esta perspectiva ilustra como a narrativa de Hugo pode atuar como um espelho crítico para a sociedade atual, questionando até que ponto as mulheres realmente possuem autonomia sobre suas decisões em cenários de forte pressão social.

Palavras-chave: Estudos Feministas; Casamento; Motivações e expectativas sociais; *The seven husbands of Evelyn Hugo* (2017).

SOUSA, Giovanna Maria Costa de. **Why do women get married?:** unveiling the veil of marriage in *The seven husbands of Evelyn Hugo* (2017) enlightened by the Feminist Studies. 2024. 69 f. Monograph (Graduation in English Language Teaching) – Universidade Estadual do Piauí, Campus Alexandre Alves de Oliveira, Parnaíba, 2024.

ABSTRACT

Feminist Studies analyze marriage from a perspective that questions its social, cultural, and political implications, particularly with regard to female oppression and submission. These nuances are also the subject of the literary work that is the corpus of this research, *Evelyn Hugo and her seven husbands*, written by Taylor Jenkins Reid, in English, *The Seven Husbands of Evelyn Hugo* (2017). In other words, this study deals with the multiple features that permeate not only the act of getting married, going beyond the reasons traditionally associated with such an event, but also marriage itself, in the light of Feminist Studies. In this sense, we seek to answer the following question: How do the seven marriages experienced by Evelyn Hugo, narrated in *The Seven Husbands of Evelyn Hugo* (2017), reflect the motivations and social expectations about marriage, in the light of Feminist Studies? To answer this question, the following general objective was defined: to investigate how the seven marriages experienced by Evelyn Hugo, narrated in *The seven husbands of Evelyn Hugo* (2017), reflect the motivations and social expectations about marriage, in light of Feminist Studies. In order to achieve this, the following specific objectives were established: (i) to discuss the theoretical assumptions of Feminist Studies, with an emphasis on the concept of marriage; (ii) to analyze the motivation for each of Evelyn Hugo's seven marriages; and (iii) to reflect on the relationship between social expectations and Evelyn Hugo's seven marriages. To achieve these objectives, a qualitative investigation was carried out, in the bibliographic modality, of an exploratory nature, based on Lois Tyson (2023), Simone de Beauvoir (2013), Heleieth Saffioti (2015), among others. The research findings reveal how women, particularly those in prominent positions like Evelyn Hugo, are often forced to conform to and/or manipulate social expectations in order to survive and thrive. This perspective illustrates how Hugo's narrative can act as a critical mirror for today's society, questioning the extent to which women truly have autonomy over their decisions in scenarios of strong social pressure.

Keywords: Feminist Studies; Marriage; Motivations and social expectations; *The seven husbands of Evelyn Hugo* (2017).

SUMÁRIO

O QUE ESTÁ POR TRÁS DO VÉU?	12
Um encontro entre realidade, ficção e feminismo	12
CAPÍTULO 1	23
AMAR, HONRAR E OBEDECER? a Crítica Literária e os Estudos Feministas	23
1.1 NO CERNE DA CRÍTICA LITERÁRIA	23
1.2 MOVIMENTOS FEMINISTAS.....	25
1.3 OS ESTUDOS FEMINISTAS.....	30
1.4 ONE PLUS ONE MAKES TWO EQUAL HALVES?: O CASAMENTO	33
CAPÍTULO 2	39
MARIDOS OU MÁSCARAS? o que os sete casamentos de Evelyn Hugo nos revelam	39
2.1 QUEM É TAYLOR JENKINS REID	39
2.3 OS SETE MARIDOS DE EVELYN HUGO: investigando as alianças de Evelyn	41
2.3.1 Poor Ernie Diaz	41
2.3.2 Goddamn Don Adler	45
2.3.3 Gullible Mick Riva	49
2.3.4 Clever Rex North.....	52
2.3.5 Brilliant, Kindhearted, Tortured Harry Cameron	53
2.3.6 Disappointing Max Girard.....	56
2.3.7 Agreeable Robert Jamison.....	58
ATÉ QUE A MORTE NOS SEPARE?.....	60
considerações finais que marcam novos inícios	60
REFERÊNCIAS	64
REFERÊNCIA LITERÁRIA	69

O QUE ESTÁ POR TRÁS DO VÉU?

Um encontro entre realidade, ficção e feminismo

Em março do ano de 2022 quando ganhei o livro *The seven husbands of Evelyn Hugo*, traduzido para o português, de aniversário, não poderia imaginar o impacto que a obra de Taylor Jenkins Reid teria na minha vida. A princípio comecei a ler por conta do *hype* que o livro estava tendo no *booktok*¹ e no *booktt*², pois até em então ele estava esperando eu olhar para ele enquanto estava na minha estante.

De férias, pensei: “Será a sua hora Evelyn Hugo?” Pois já ouvira várias resenhas sobre o quão bom livro era, mas ainda não tinha começado a ler. Guardo comigo uma superstição, boba ou não, mas carrego comigo. Eu leio livros no momento certo da minha vida. “Ah, mas como você sabe que é o momento certo?” Não sei, apenas olho para meus livros e sinto. E isso acontece com filmes e séries também. Eu espero pelo meu momento de querer olhar para o que está diante de mim e querer me aventurar, se eu sinto que não é aquilo que eu quero, desvio o olhar. Foi exatamente o que aconteceu comigo e com “Os sete maridos de Evelyn Hugo” depois de muito tempo olhando para ele pensei que era o momento certo de começar uma nova história e entender do que tanto as pessoas falavam sobre o livro.

Assim sendo, foi o momento certo. Aquela Giovanna estava preparada ou não para ler uma obra tão cativante, os olhos dela já conseguia ver pelas lentes feministas, apesar de ainda não ter aprofundamento antes das aulas de Crítica Literária. Lembro-me da indignação que surgiu ao perceber que ainda vivemos numa sociedade que se assemelha muito com o domínio patriarcal da sociedade dos anos 1950 e 1960 como se passa no livro, e ainda mais presenciar isso de tão perto nas ações e discursos presentes dentro da minha própria família. Muito já foi conquistado pelas mulheres, não posso deixar de enxergar isso, mas por que existe esse desejo incurável da sociedade em querer que mulheres estejam em lugares de submissão quando é sabido da nossa imensurável capacidade de construir impérios? Por que sexo frágil se aguentamos as piores dores que o mundo pode oferecer e ainda resistimos? Quando li esse livro, descobri que essa inquietação, e essa indignação sempre viveu em mim, mais do que nunca. Ao ler as situações que Evelyn passa no romance de Reid, e ver como ela desafia estereótipos e ainda assim tem a necessidade de se manter presa a um sistema dominado por

¹ O fenômeno de recomendação de livros feitos pelos usuários da plataforma TikTok, também chamados de *booktokers*.

² O fenômeno de recomendação de livros feitos pelos usuários da plataforma Twitter.

homens para “sobreviver” dentro da indústria cinematográfica, umas das mais misóginas do mundo, me faz questionar tantos impropérios relacionados a isso na sociedade atual.

Lembro-me de virar cada página com muita indignação e cheia de perguntas do porquê mulheres são tão silenciadas dentro de uma sociedade que deveria ser igualitária. A cada capítulo que eu terminava era uma reflexão diferente, a inquietude em mim não parecia cessar, e espero que nunca cesse. Ao ler a obra, várias memórias vinham a mente e de como desde criança tive que lidar com tantas falas e atitudes problemáticas e machistas, e como aquilo despertou em mim a vontade de mudar o mundo, de querer concertar esse infortúnio chamado sexismo. Uma criança que vivenciou várias coisas que não deveria para sua idade, aliás em idade nenhuma, acabou por desenvolver algumas condições psicológicas, alguns medos e bloqueios.

Desde muito pequena fui ensinada a viver em um mundo no qual eu deveria ser uma moça recatada e agir como tal. Isso não combina comigo, nunca combinou. Sempre foi muito desafiador e traumático viver numa sociedade na qual mulheres gordas como eu tivessem que estar sempre em busca da perfeição, seja na escola, seja pelo meu corpo. Já ouvi muitas vezes que não conseguiria um “namoradinho” porque estava muito acima do peso, mas o que é estar acima do peso senão por questões de saúde? Eu estava muito bem! Eu entendi perfeitamente a urgência de querer que eu tivesse alguém, mas eu queria alguém ou estava muito preocupada com questões escolares em manter minha fama de nerd que nunca deu trabalho? É muito para uma criança de 14/15 anos ouvir e ser cobrada. Sempre fui teimosa, e nunca me deixei levar por essas pressões, mesmo que fosse chato ter que ouvi-las. Pelo contrário, sempre as rebati.

Ultimamente, tenho ouvido muito sobre ficar para trás porque minha irmã, mais nova que eu, tem um relacionamento. Eu dou risada. Porque ninguém viveu minha vida e ninguém jamais vai saber o que algumas situações me causaram para que eu não almeje um relacionamento ou um casamento. Dessa forma, essa pesquisa se torna tão importante para mim e para outras mulheres que se sentem como eu. É melhor sucumbir a pressão externa ou manter a paz de espírito? Eu escolho ficar em paz com minhas decisões apesar de ser quase impossível não ser levada pela onda patriarcal que assola a sociedade na qual vivemos.

Consoante meus princípios e pensamentos, uma oportunidade imperdível de pesquisar mais sobre um dos meus livros favoritos, Os sete maridos de Evelyn Hugo, apareceu: o PIBIC (Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica).³ Nesse projeto, pesquisamos a

³A pesquisa, nesse cerne, tem como principal enfoque o estudo da (auto) objetificação da mulher à luz dos Estudos Feministas atrelada à obra literária Os sete maridos de Evelyn Hugo (2017), de Taylor Jenkins Reid,

(auto)objetificação da mulher. O PIBIC certamente abriu portas para que eu realizasse esta pesquisa. Nesse sentido, minha curiosidade em explorar os estudos feministas se revela como uma trajetória pessoal e que promove mudanças. Ao adentrar nesse domínio, reconheço a complexidade da vivência humana através de uma perspectiva que frequentemente foi desconsiderada ou calada ao longo dos tempos.

Por meio da trajetória de Evelyn Hugo, vejo como os Estudos Feministas me ajudam a compreender as motivações e os contextos que influenciam suas escolhas conjugais. Cada um de seus casamentos revela diferentes aspectos de sua vida e carreira, desde alianças estratégicas até compromissos românticos e até acordos para esconder sua verdadeira orientação sexual. Isto me causa certa inquietação sobre como o casamento, muitas vezes visto como um ideal romântico, pode também ser um meio de sobrevivência e negociação numa sociedade patriarcal.

Diante disso, ao debruçar-me sob essa pesquisa um dos meus interesses segue na vertente nas quais essas produções influenciam diretamente a vida das pessoas que as consomem, sejam elas leitores ou espectadores. Elas refletem os papéis de gênero promovidos pelo patriarcado, que, caracteriza os homens como racionais, fortes e protetores, enquanto retrata as mulheres como irracionais, emotivas, cuidadosas e submissas. Esses papéis de gênero são os que contribuem para a opressão das mulheres.

Frente a essa situação, desde os primórdios das civilizações, houve a tendência de os homens oprimirem as mulheres, regulando seus comportamentos, aparência e liberdade. Isso se enraizou em uma tradição que postula a supremacia do sexo masculino sobre o feminino, denominado patriarcado (Bourdieu, 2005). Somente no século XIX é que o patriarcado começou a perder sua influência, à medida que surgia um extenso movimento de mulheres em busca de direitos e igualdade de gênero (Scott, 2010). Teles (2003) destaca que, apesar das conquistas significativas do movimento feminista, a sociedade ainda está em um processo de transição, em que modelos de existência antigos e modernos se confrontam constantemente, criando um espaço caracterizado por contrastes e contradições.

Na sociedade em geral, o feminismo busca não apenas mudanças nas representações culturais, mas também transformações estruturais para garantir igualdade de oportunidades,

especificamente nas relações intra e interpessoais de Evelyn Hugo. O estudo originado no Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica (PIBIC) teve seus resultados apresentados no ENIPEL (Encontro Internacional de Pesquisas em Letras), e publicado nos anais do simpósio; na I Semana de Pesquisa, Extensão e Pós-Graduação da UESPI (Universidade Estadual do Piauí) e no XIII Simpósio de Letras da UEMA (Universidade Estadual do Maranhão).

direitos e tratamento para todos, independentemente do gênero (hooks, 2020). O movimento tem crescido ao longo do tempo para abranger uma variedade de questões, incluindo raça, classe, sexualidade e identidade de gênero, reconhecendo as interseccionalidades que refletem as experiências das pessoas.

A problemática do casamento por meio da perspectiva dos Estudos Feministas é multifacetada, abordando questões de poder, controle, identidade e liberdade. Para contextualizar essa problemática de forma mais precisa, podemos recorrer a várias referências acadêmicas e teóricas ao longo das décadas.

Assim sendo, nessa vertente, o casamento, seja na esteira do amor romântico ou como uma instituição política, ao longo da história, tem sido uma instituição profundamente entrelaçada com estruturas patriarcais. Kate Millett (1970) argumenta que o casamento é uma das principais instituições que mantêm as mulheres em uma posição subordinada em relação aos homens, descrevendo-o como um contrato social que historicamente tratou as mulheres como propriedade dos homens.

O princípio [...] colocava a mulher casada numa condição de objeto durante toda a vida. O marido passava a ser uma espécie de tutor legal, como se com o casamento ela passasse a fazer parte da categoria dos loucos e atrasados mentais, que, de um ponto de vista legal, eram também considerados como “mortos aos olhos da lei”. (Millett, 1970, p. 17)

Alicerçado em normas culturais, religiosas e sociais, o matrimônio muitas vezes refletiu e perpetuou desigualdades de gênero, contribuindo para a manutenção do patriarcado em diversas sociedades. Melo (2020) discorre que a adesão das mulheres à estrutura patriarcal decorre principalmente do receio de não conseguirem contrair matrimônio. É relevante considerar as limitações que enfrentavam ao buscar uma carreira, resultando em uma considerável dependência financeira de seus familiares. Até o casamento, eram sustentadas pelos pais, e após esse evento, o esposo assumia o papel de provedor. Além disso, a imagem social das mulheres solteiras era marcada por estigmas, associando a falta de casamento ao fracasso, restringindo a prática sexual e a maternidade.

No cerne dessa questão encontra-se a ideia de que, historicamente, o casamento foi concebido como uma união na qual papéis e responsabilidades eram rigidamente distribuídos com base no gênero. O homem, frequentemente, assumia o papel de provedor e tomador de decisões, enquanto a mulher era relegada ao âmbito doméstico, responsável pelo cuidado dos filhos e pelas tarefas domésticas (Melo, 2020). Essa divisão de trabalho não apenas refletia, mas também reforçava as normas patriarcais, consolidando a posição de poder masculino na

sociedade. Assim sendo, Simone de Beauvoir (2013) destaca que a sociedade tradicionalmente reserva à mulher o destino do casamento. Em grande parte, mesmo nos dias atuais, as mulheres estão casadas, foram casadas, estão se preparando para casar-se ou sofrem por não estar casadas. A condição de celibatária é definida em relação ao casamento, independentemente de ela se sentir frustrada, revoltada ou indiferente em relação a essa instituição.

Carole Pateman (2016) sugere que uma das razões fundamentais para as mulheres buscarem o casamento é o desejo por uma conexão emocional profunda e duradoura. O casamento oferece um espaço para construir uma parceria baseada no amor, respeito e companheirismo. A ideia de compartilhar a vida com um parceiro, enfrentando desafios e celebrando conquistas juntos, muitas vezes motiva mulheres a buscar essa forma de compromisso. A união matrimonial pode ser percebida como um alicerce sólido para enfrentar as incertezas da vida e alcançar metas financeiras comuns, uma ideia alienada recorrente do patriarcado, no qual Pateman (1993) considera como um sistema de poder análogo ao escravismo que transforma um contrato, supostamente igualitário, numa autorização legal do poder masculino.

Além disso, as práticas matrimoniais, muitas vezes, perpetuam desigualdades econômicas entre os gêneros. Mulheres, historicamente, têm enfrentado obstáculos no acesso a recursos financeiros e oportunidades profissionais, tornando-as dependentes do sustento do parceiro masculino. No que tange ao mundo do trabalho, a mulher apoiava o desenvolvimento da carreira do marido e, mesmo quando saiu para trabalhar fora de casa, seu trabalho, durante muito tempo, foi visto como coadjuvante ao dele, como um complemento à renda da família (Rocha-Coutinho; Losada, 2007). Isso cria uma dinâmica de poder desigual no casamento, onde a dependência financeira pode se traduzir em falta de autonomia e capacidade de tomar decisões. O casamento transformou-se em uma espécie de confinamento para a mulher, uma realidade em que o Estado não exercia influência e todo o poder era conferido ao marido, o patriarca. No contexto do denominado "contrato de casamento", Carole Pateman (1993, p. 231-236) destaca,

O casamento é chamado de contrato, mas as feministas argumentam que uma instituição em que uma parte, o marido, exercia o poder de um senhor de escravos sobre sua mulher, mantendo até os anos 80 resquícios desse poder, está bem longe de ser uma relação contratual. [...] As mulheres foram forçadas a participar desse suposto contrato. **Os costumes sociais destituíram as mulheres da oportunidade de ganharem o seu próprio sustento, de modo que o casamento era a sua única chance para elas terem uma vida decente.** O “contrato” de casamento era exatamente como o contrato que os senhores de escravo das Índias Ocidentais impunham a seus escravos; o casamento não era nada mais do que a lei do mais forte, aplicada pelos homens em detrimento dos interesses das mulheres, mais fracas. (Grifo nosso)

Embora o casamento no século XX seja moldado pelos valores emergentes, o surgimento e a consequente valorização das ideologias individualistas em detrimento das ideologias do patriarcado representam uma mudança bastante significativa nesse novo contexto. Gomes (1998) destaca, como marcadores da época, os movimentos sociais ocorridos da liberação sexual, dos feminismos, da entrada maciça das mulheres no mercado de trabalho, uma vez que ao confinar a vida da mulher ao ambiente doméstico, ela passou a ser completamente dependente, vulnerável e submissa ao poder do patriarca.

As pressões sociais e culturais também desempenham um papel na decisão das mulheres de se casarem. Em algumas comunidades, o casamento é considerado uma norma social ou cultural, e as mulheres podem sentir uma pressão implícita para se conformar a essas expectativas. O casamento, nessas circunstâncias, pode ser percebido como um rito de passagem ou uma demonstração de maturidade e estabilidade. Enquanto uns discutem a “metafísica do casamento” (Radcliffe-Richards, 2005), outros exploram a estabilidade do casamento como uma função política para a família (Hartmann, 2003). Ao adentrar a esfera da “razão pública” do matrimônio, o debate se intensifica. Surge a interrogação sobre o casamento como um “direito fundamental” e a crítica àquilo que é percebido como uma teoria conservadora das relações a dois, já que as motivações que interpelam essa escolha, ou não escolha, são muitas.

Com isso, as razões pelas quais as mulheres escolhem casar-se são vastas e multifacetadas. Segundo Zordan *et al.* (2009, p. 43) o casamento pode ser motivado pelo amor, estabilidade financeira, desejo de construir uma família, pressões sociais ou uma combinação complexa desses fatores, além disso é discorrido que “no casamento contemporâneo, os ideais do amor romântico, de que a união é única e eterna, tendem a fragmentar-se, principalmente, devido à emancipação e à autonomia das mulheres”. À medida que a sociedade muda, é crucial reconhecer e respeitar a diversidade de escolhas e motivações individuais que moldam a instituição do casamento para as mulheres contemporâneas.

A problemática do casamento, segundo os Estudos Feministas, é analisada sob diversas perspectivas críticas que desafiam as tradições e as estruturas de poder implícitas nessa instituição. Os Estudos Feministas destacam que o casamento, historicamente, tem sido uma ferramenta de controle social e opressão das mulheres, onde a desigualdade de gênero é perpetuada, como aponta Millett (1970). Uma das principais críticas feministas ao casamento é que ele reforça a divisão de gênero no trabalho e nos papéis sociais. As mulheres são frequentemente relegadas às tarefas domésticas e de cuidado, sem reconhecimento ou

remuneração adequada, enquanto os homens são vistos como os provedores financeiros (Millett, 1970). Esta divisão de papéis sustenta a desigualdade econômica e limita as oportunidades das mulheres no mercado de trabalho e na esfera pública.

A segregação por sexo nos empregos mantém a superioridade dos homens sobre as mulheres porque impõe salários mais baixos para as mulheres no mercado de trabalho. Salários baixos mantêm as mulheres dependentes dos homens porque encorajam as mulheres a se casarem. Mulheres casadas devem realizar afazeres domésticos para seus maridos. Os homens se beneficiam, então, tanto de salários mais altos quanto da divisão doméstica do trabalho. Essa divisão doméstica do trabalho, por sua vez, atua para enfraquecer a posição das mulheres no mercado de trabalho. (Barker, 2018, p. 7)

Além disso, os Estudos Feministas apontam que o casamento pode ser uma fonte de violência de gênero (Barker, 2018). A dinâmica de poder desequilibrada entre marido e esposa pode criar um ambiente onde a violência doméstica é mais provável de ocorrer, e as estruturas sociais e legais muitas vezes falham em proteger as vítimas ou em responsabilizar os agressores de maneira eficaz.

Outro aspecto crítico é a expectativa social de que todas as mulheres devem se casar para serem consideradas completas ou realizadas, Clare Chambers (2012) argumenta que uma forma particularmente prejudicial de violência simbólica associada ao casamento nas sociedades ocidentais contemporâneas é a ideia de que as mulheres se sentem inadequadas e fracassadas se não estiverem casadas. Essa percepção é frequentemente reforçada pela pressão social vinda de amigos, familiares, mídia, literatura romântica, televisão, filmes e livros de autoajuda.

Finlay (2002) discorre que muitas mulheres heterossexuais consideram a vida de solteira como uma fase transitória que precede o casamento, e que permanecer solteira por mais tempo ou em idades mais avançadas é visto como algo triste e vergonhoso, atribuído em parte à própria mulher solteira. Diante disso, a heteronormatividade impacta significativamente o casamento e os relacionamentos, uma vez que é um padrão regulatório da sexualidade na sociedade ocidental, e influencia a política sexual (Oliveira *et al.*, 2014). Isto porque ela se estende além dos relacionamentos heterossexuais, com a homonormatividade impondo padrões heteronormativos dentro das comunidades LGBTQIAPN+ (Oliveira *et al.*, 2014). Com isso, conceito de um “contrato sexual” subjacente ao contrato social perpetua a subjugação e a exploração das mulheres pelos homens (Gonçalves; Silva, 2019). Adrienne Rich (2010 [1980]) argumenta que a heterossexualidade é uma instituição política que garante o acesso masculino às mulheres física, econômica e emocionalmente. Nessa esteira, partindo do ponto de vista defendido por Rich (2010 [1980]), o relacionamento entre mulheres representa um desafio ao

sistema heterossexista, uma vez que envolve a expressão de um desejo sexual independente e voltado para outra mulher. Dessa forma, a lesbianidade se apresenta como uma das mais significativas ameaças à estrutura de exploração feminina, já que a vivência lésbica “inclui tanto a ruptura de um tabu quanto a rejeição de um modo compulsório de vida. É também um ataque direto e indireto ao direito masculino de ter acesso às mulheres” (Rich, 2010, p. 36)

Essa pressão desvaloriza outras formas de vida e escolhas individuais, como a carreira, o celibato, ou relacionamentos não convencionais, e marginaliza as mulheres que optam por não seguir o caminho tradicional do matrimônio.

Os Estudos Feministas também questionam a idealização do casamento romântico, que muitas vezes encobre as realidades práticas e os sacrifícios pessoais envolvidos na manutenção de um casamento (Chambers, 2012). A noção de amor romântico pode servir para mascarar desigualdades e expectativas irrealistas, mantendo as mulheres em relacionamentos insatisfatórios ou prejudiciais devido ao medo do estigma social associado ao divórcio.

Em suma, a problemática do casamento de acordo com os Estudos Feministas envolve uma crítica profunda à forma como essa instituição contribui para a manutenção da desigualdade de gênero, perpetua normas opressivas e muitas vezes falha em proporcionar uma estrutura justa e equitativa para ambos os parceiros. As feministas defendem a necessidade de reavaliar e reformular o casamento, visando relações mais igualitárias e a valorização das diversas formas de se viver e se relacionar. Com isso, conseguimos fazer o paralelo dessa problemática com a narrativa de Evelyn Hugo, em *The seven husbands of Evelyn Hugo*. Isto porque Evelyn vive à mercê dessas uniões conjugais para que ela consiga uma carreira de sucesso em Hollywood.

Nesse sentido, buscamos responder a seguinte pergunta: Como os sete casamentos vivenciados por Evelyn Hugo, narrados em *The seven husbands of Evelyn Hugo* (2017), refletem as motivações e as expectativas sociais acerca do casamento, à luz dos Estudos Feministas? Para responder tal questionamento, foi definido o seguinte objetivo geral: investigar como os sete casamentos vivenciados por Evelyn Hugo, narrados em *The seven husbands of Evelyn Hugo* (2017), refletem as motivações e as expectativas sociais acerca do casamento, à luz dos Estudos Feministas. Com o intuito de alcançá-lo, os seguintes objetivos específicos foram estabelecidos: (i) discutir os pressupostos teóricos dos Estudos Feministas, com ênfase no conceito de casamento; (ii) analisar a motivação para cada um dos sete casamentos de Evelyn Hugo; e (iii) refletir sobre a relação entre as expectativas sociais e os sete casamentos de Evelyn Hugo.

Com o intuito de responder nossa pergunta e alcançar os objetivos estipulados, realizamos, baseando-nos nos conhecimentos metodológicos de Maria Cecília Minayo (2009) e Antônio Carlos Gil (2021), uma investigação com abordagem qualitativa, na modalidade bibliográfica e de cunho exploratório. O estudo, vale ressaltar, foi realizado em quatro etapas principais: o primeiro momento foi dedicado à escolha de livros e artigos científicos, prioritariamente textos clássicos e artigos publicados nos últimos cinco anos acerca dos estudos feministas e casamento. Posteriormente, fizemos as leituras dos materiais teóricos e realizamos fichamentos para utilizar na escrita da monografia. O terceiro passo consistiu em consumir *The seven husbands of Evelyn Hugo* e selecionar os excertos para as análises interpretativas. Realizamos, por último, a conexão do conhecimento teórico com os excertos protagonizados por Evelyn Hugo.

Esta revisão foi baseada nos seguintes critérios de inclusão e exclusão: serão mantidos como fontes de pesquisa os documentos apresentados de acordo com a discussão e que concordarem ou discordarem com a temática investigada. Então foram mantidos documentos que possuem argumentos e interpretações semelhantes e diferentes acerca do assunto, permitindo diversas perspectivas a serem discutidas que auxiliem nas questões estabelecidas pela pesquisa. Finalmente, os dados foram analisados na perspectiva do paradigma interpretativista (Bortoni-Ricardo, 2018), a partir da condensação dos aspectos relacionados ao tema em voga, previamente investigadas, de modo que a pergunta possa ser respondida e as metas e os objetivos possam ser alcançados.

Com a realização desta pesquisa, âmbito social, visamos contribuir para a compreensão das complexidades que envolvem as escolhas matrimoniais das mulheres, desafiando estereótipos e promovendo uma reflexão crítica sobre as estruturas sociais que influenciam essas decisões. Ao desvelar o véu do casamento, busca-se promover discussões construtivas sobre a autonomia das mulheres na tomada de decisões relacionadas ao matrimônio e empoderar as vozes femininas na desconstrução de normas patriarcais.

Em âmbito acadêmico, esta pesquisa tem como propósito contribuir com o campo dos estudos feministas ao oferecer uma análise aprofundada das motivações por trás do casamento, destacando as complexidades que permeiam as escolhas femininas. Ao desvelar as camadas subjacentes na narrativa de *The seven husbands of Evelyn Hugo*, pretendemos enriquecer o entendimento acadêmico sobre as representações literárias das relações matrimoniais e seu reflexo nas dinâmicas de poder de gênero. Além disso, busca-se ampliar o diálogo acadêmico sobre a autonomia das mulheres na construção de suas vidas afetivas, fomentando discussões

críticas sobre o papel do casamento na sociedade contemporânea. Essa pesquisa visa, assim, preencher lacunas de conhecimento e estimular novas abordagens teóricas que possam informar e inspirar futuras pesquisas no campo dos estudos feministas.

Em âmbito pessoal, ao realizar essa pesquisa, buscamos não apenas compreender as motivações por trás das escolhas matrimoniais das mulheres, mas também desejamos cultivar uma consciência mais profunda sobre as influências que moldam as relações afetivas. Por meio do estudo crítico de *The seven husbands of Evelyn Hugo* à luz dos estudos feministas, nosso propósito pessoal é internalizar e aplicar essas perspectivas em nossa própria vida. Além disso, queremos explorar como as narrativas culturais e sociais sobre o casamento têm impactado nossas próprias crenças e decisões, proporcionando uma oportunidade de autoconhecimento e reflexão. Ao desvelar os véus que cercam a instituição do casamento, esperamos desenvolver uma visão mais informada e consciente sobre as complexidades envolvidas nas relações amorosas. Assim, o propósito pessoal desta pesquisa é não apenas acadêmico, mas também introspectivo, visando enriquecer nossa compreensão sobre a interseção entre as expectativas sociais, feminismo e as escolhas pessoais em matéria de relacionamentos, contribuindo para nosso próprio crescimento e desenvolvimento pessoal.

Este Trabalho de Conclusão de Curso está organizado em três partes principais, abrangendo introdução, capítulos teóricos e analíticos, e considerações finais. A introdução, intitulada “O que está por trás do véu? Um encontro entre realidade, ficção e feminismo”, contextualiza o tema, relacionando *The seven husbands of Evelyn Hugo* com os estudos feministas e a crítica literária. O Capítulo 1, denominado “Amar, honrar e obedecer? A crítica literária e os estudos feministas”, apresenta as bases teóricas do trabalho, dividindo-se em quatro subseções: 1.1 No cerne da crítica literária, que aborda os fundamentos da análise literária; 1.2 Movimentos feministas, que explora a evolução do feminismo; 1.3 Os estudos feministas, com foco nas abordagens acadêmicas; e 1.4 One plus one makes two equal halves?: O casamento, que discute o matrimônio como construção social patriarcal.

No Capítulo 2, intitulado “Maridos ou máscaras? O que os sete casamentos de Evelyn Hugo nos revelam”, a análise da obra ganha centralidade, começando com 2.1 Quem é Taylor Jenkins Reid, uma breve biografia da autora, e 2.2 Sobre a obra literária, que contextualiza o livro. Em seguida, 2.3 Os sete maridos de Evelyn Hugo: Investigando as alianças de Evelyn detalha cada casamento com subseções específicas: 2.3.1 Poor Ernie Diaz, 2.3.2 Goddamn Don Adler, 2.3.4 Gullible Mick Riva, 2.3.5 Clever Rex North, 2.3.6 Brilliant, Kindhearted, Tortured Harry Cameron, 2.3.7 Disappointing Max Girard e 2.3.8 Agreeable Robert Jamison. Por fim,

as considerações finais, sob o título “Até que a morte nos separe?”, encerram o trabalho com reflexões críticas que conectam as análises realizadas às questões sociais e feministas contemporâneas. A monografia é complementada por um referencial teórico e literário, apresentados nas seções de Referências e Referência Literária.

CAPÍTULO 1

AMAR, HONRAR E OBEDECER? a Crítica Literária e os Estudos Feministas

Dedicamos este capítulo à apresentação da crítica literária com base nos estudos de Lois Tyson (2021). Posteriormente, introduzimos as lentes teóricas contempladas na investigação, os estudos feministas, a partir das discussões de Simone de Beauvoir (2013), Heleieth Saffioti (2015), hooks (2020), entre outras/os teóricas/os que se dedicam aos pressupostos feministas.

1.1 NO CERNE DA CRÍTICA LITERÁRIA

No dia a dia, nos envolvemos com diversas expressões artísticas, ou seja, com as manifestações criativas produzidas pelas pessoas. Isso pode incluir uma série de televisão aclamada que está em alta, uma música que apreciamos ou um filme que assistimos no cinema. Dentro desse contexto, há aqueles que consomem tais obras apenas para desfrutar do prazer estético, enquanto outros as observam, leem ou ouvem de maneira mais crítica, ponderando sobre as intenções por trás do que está sendo apresentado. As produções artísticas que permeiam nossa vida seguem um movimento mimético, representando artisticamente as experiências que vivenciamos na sociedade, abordando temas como corrupção, e violência. Dessa forma, a arte está constantemente atenta aos acontecimentos sociais, atuando como uma espécie de espelho que reflete e interpreta esses eventos. Em algum nível, ela busca nos incomodar, estimular a reflexão e até mesmo denunciar aquilo que talvez não tenhamos problematizado ou discutido o suficiente.

Ao considerarmos as reflexões que podem surgir a partir do consumo de uma obra, é relevante mencionar a existência de um campo de estudo dentro dos estudos literários que proporciona ferramentas valiosas para não apenas consumirmos uma obra, mas também refletirmos sobre ela, visando desenvolver uma abordagem mais crítica. Nesse sentido, deparamo-nos com a crítica literária, uma disciplina intrinsecamente ligada à "interpretação". Em outras palavras, ela nos instiga a interpretar, analisar e criticar uma variedade de formas artísticas, como livros, séries de TV, filmes ou cartoons.

É importante ressaltar que essa crítica não se refere a um julgamento de valor, isto é, classificar uma produção como "boa" ou "ruim". Em vez disso, busca analisá-la a fim de compreender as peças de um quebra-cabeça social em uma perspectiva mais ampla. Vale

salientar que essas análises não devem ser conduzidas de maneira excessivamente subjetiva ou descomprometida com o pensamento científico (Tyson, 2023). A pesquisa deve ser conduzida de maneira ética, metódica e comprometida com as vidas e existências das pessoas.

A crítica literária é um campo de pesquisa que se debruça sobre a análise, interpretação e avaliação de obras literárias. Ela busca compreender não apenas o que está escrito, mas também os significados subjacentes, as escolhas estilísticas e as influências culturais que moldam uma obra. Essa forma de análise crítica tem como objetivo não apenas julgar uma obra, mas também enriquecer a compreensão do leitor sobre a complexidade e a riqueza da literatura. Acerca de crítica literária Durão (2016) discorre que a linha entre a crítica e a interpretação pode ser tênue, já que a história de uma está intrinsecamente ligada à outra. A distinção principal reside no fato de que a crítica geralmente implica um meio específico de disseminação e a presença de um público leitor, inserindo-se em uma esfera pública. O que poderia ser uma interpretação em um exame de literatura pode transformar-se em crítica ao ser publicado no jornal da escola, desencadeando discussões entre alunos, pais e professores. É essencial para a noção de crítica que ela própria esteja sujeita a ser criticada.

Em seu cerne, a crítica literária é uma tentativa de desvendar os mistérios da linguagem escrita, explorando como as palavras se entrelaçam para criar significado. Ela se aprofunda nas camadas de uma narrativa, examinando elementos como personagens, enredo, simbolismo e estilo. Além disso, a crítica literária não se limita a uma abordagem única; pelo contrário, existem diversas correntes e teorias que oferecem perspectivas distintas sobre como abordar e interpretar uma obra.

Além disso, a crítica literária também se envolve em questões ideológicas, explorando como as obras refletem e moldam ideias e valores. Isso envolve a análise de temas, símbolos e metáforas que podem transmitir mensagens profundas sobre a sociedade e a condição humana. É importante ressaltar que a crítica literária não busca apenas revelar o "verdadeiro" significado de uma obra, pois a interpretação é muitas vezes subjetiva e variável. Em vez disso, ela enriquece a compreensão da obra ao oferecer diferentes perspectivas e estimular a reflexão crítica. A crítica literária, apesar de estender-se além das investigações de uma obra literária, não se limita a uma análise superficial do texto lido. Conforme Durão (2020, p. 20):

Não interessa o que você sentiu ao ler determinada obra, se gosta dela ou não; o que se espera, ao invés, é um saber específico produzido em troca do investimento realizado. O veículo de tal produção é a pesquisa e o seu princípio de base é simples: a geração de um conhecimento novo e significativo.

Nesse cenário, a crítica literária oferece lentes especiais que nos permitem visualizar as dinâmicas sociais com um olhar mais sensível e crítico. Essas lentes, conhecidas como "correntes literárias", auxiliam-nos a abordar questões sociais de maneira mais clara e específica. Atualmente, parece que, de maneira geral, o ocidente está mais atento a temas como luta de classes, violência de gênero, racismo, LGBTQIAPN+ fobia e questões relacionadas à saúde mental. Lois Tyson (2023), seguindo essa linha, lista as correntes mais relevantes na contemporaneidade para discutir essas questões sociais: crítica feminista, afro-americana, pós-colonial, marxista, psicanalítica e queer.

Nesse contexto, bem como foi abordado nesse estudo, a crítica literária feminista é uma abordagem que analisa a literatura sob a perspectiva dos estudos de gênero e feminismo. Ela busca entender como as obras literárias refletem e perpetuam as dinâmicas de poder, estereótipos de gênero e questões relacionadas à identidade das mulheres.

1.2 MOVIMENTOS FEMINISTAS

A origem do patriarcado é controversa e suas raízes são muito antigas, remontando às sociedades primitivas. De acordo com Heleieth Saffioti (2015), o patriarcado é considerado o mais antigo sistema de dominação e exploração humana na história. A ascensão do patriarcado ao longo da história é um fenômeno complexo que se desenvolveu gradualmente, influenciando profundamente as estruturas sociais, políticas e culturais das civilizações ao redor do mundo.

A supremacia da dominação masculina remonta a um período anterior à história registrada, sendo possível apenas fazer conjecturas sobre suas origens. No entanto, o patriarcado é um elemento constituinte das sociedades, profundamente enraizado na cultura ao ponto de suas manifestações serem naturalizadas, tornando-se quase imperceptíveis, nessa esteira Pateman (1993, p. 49) discorre que

A interpretação patriarcal do “patriarcado” como direito paterno provocou, paradoxalmente, o ocultamento da origem da família na relação entre marido e esposa. O fato de que homens e mulheres fazem parte de um contrato de casamento – um contrato original que instituiu o casamento e a família – e de que eles são maridos e esposas antes de serem pais e mães é esquecido. O direito conjugal está, assim, subsumido sob o direito paterno e as discussões sobre o patriarcado giram em torno do poder (familiar) das mães e dos pais, ocultando, portanto, a questão social mais ampla referente ao caráter das relações entre homens e mulheres e à abrangência do direito sexual masculino.

Assim, ao longo dos milênios, o patriarcado consolidou seu domínio em várias sociedades, moldando profundamente as normas e estruturas sociais que ainda reverberam na

contemporaneidade. Apesar disso, movimentos modernos em direção à igualdade de gênero têm desafiado essas normas, buscando reconhecer e remediar as desigualdades históricas e promover uma sociedade mais equitativa e inclusiva.

A família tradicionalmente monogâmica é um espaço no qual ocorre controle social, principalmente por meio do controle dos corpos. Dentro dessa estrutura, há uma hierarquia onde o homem ocupa uma posição privilegiada em detrimento da mulher. Essa relação desigual entre os gêneros, claramente visível materialmente, acaba sendo percebida como algo naturalizado (Silva, 2015). Assim, a diferença inicialmente natural entre homens e mulheres se transforma em uma hierarquia de poder, onde essa diferença de gênero assume uma dimensão política.

De acordo com Saffioti e Almeida (1995), estabelecer uma hierarquia com base na diferença de gênero é visto como um aspecto cultural e político das relações entre homens e mulheres. Ao abordar a naturalização da família patriarcal, Saffioti (1987, p. 10) argumenta que “é próprio da natureza humana elaborar socialmente fenômenos naturais e que, por essa razão é tão difícil, senão impossível, separar a natureza daquilo em que ela foi transformada pelos processos socioculturais”.

Segundo Delphy (2009), o patriarcado refere-se a uma estrutura social na qual os homens exercem o poder, resultando em uma dominação masculina predominante, enquanto as mulheres são subordinadas e oprimidas. A palavra “patriarcado” deriva da combinação das palavras gregas “pater” (pai) e “archie” (comando), significando literalmente o poder ou comando do pai. De acordo com Christine Delphy (2016), o uso do conceito de patriarcado entre feministas não é consensual, e as diferentes funções atribuídas ao termo em diversas análises refletem divisões fundamentais dentro do movimento feminista. Para as feministas socialistas, a origem da opressão das mulheres está, em última instância, ligada ao capitalismo, sendo os capitalistas os principais beneficiários. Em contrapartida, as feministas radicais atribuem essa opressão a um sistema específico e autônomo – o patriarcado – no qual os homens, enquanto categoria social, são os favorecidos.

Carole Pateman (1993) explica que a concepção literal do patriarcado, entendida como o governo do pai e a base constitutiva de toda a vida social, é estritamente ligada à ideia de que as relações sociais patriarcais se concentram na família. Segundo a autora, para interpretações literais do conceito de patriarcado, “a origem da família (patriarcal) frequentemente é entendida como equivalente à origem da própria vida social, e tanto a origem do patriarcado quanto a da sociedade são vistas como um único processo” (Pateman, 1993, p. 43).

Cisne e Santos (2018) explicam que o patriarcado não surgiu de forma espontânea, mas possui uma base material e socialmente determinada. Não obstante, a ordem patriarcal, na visão de Guillaumin (2014) não está associada ao poder do pai no seio da família, como responsável e mantenedor da prole; na sociedade civil moderna, as mulheres são subordinadas aos homens enquanto homens. O direito sexual patriarcal estabelece-se antes do direito de paternidade. O poder político do homem é fundamentado neste direito, sendo assim o homem já tem garantida uma autoridade política bem antes de se tornar pai, basta somente “nascer homem”. Nessa esteira, Beauvoir (2013, p. 97), ressalta que o triunfo da cultura patriarcal nem foi um acaso tampouco o resultado de uma revolução violenta. Isso porque

Desde a origem da humanidade, o privilégio biológico permitiu aos homens afirmarem-se sozinhos como sujeitos soberanos. Eles nunca abdicaram o privilégio; alienaram parcialmente sua existência na Natureza e na Mulher, mas reconquistaram-na a seguir. Condenada a desempenhar o papel do Outro, a mulher estava também condenada a possuir apenas uma força precária: escrava ou ídolo, nunca é ela que escolhe seu destino.

Guillaumin (2014) argumenta que as mulheres são tratadas como um bem comum, um objeto intercambiável que pertence a outros indivíduos. Sob essa perspectiva, elas não são reconhecidas como sujeitos autônomos, mas sim como propriedade. O casamento, segundo essa visão, é o contrato por meio do qual o homem adquire essa propriedade, enquanto as mulheres não são vistas como sujeitos do contrato, mas sim como sendo propriedade.

Como resposta a esse sistema que infringe, subjuga e oprime a existe de várias mulheres, surge os movimentos feministas⁴, buscando a igualdade de direito e autonomia dentro de uma sociedade patriarcal desde sua gênese. Inicialmente, é crucial destacar que as respostas das mulheres à opressão estrutural do patriarcado e à dominação masculina frequentemente foram silenciadas ao longo da história, apagadas e esquecidas pela voz dominante dos homens. Possíveis registros e representações das lutas das mulheres foram neutralizados, tornando difícil afirmar com certeza a existência de grupos organizados de mulheres que se opunham à desigualdade. Em vez disso, apenas personalidades individuais e ações isoladas foram registradas, muitas vezes obscurecendo seu caráter de resistência de gênero (Saffioti, 1987). Carla Cristina Garcia (2011, p. 12) afirma que “o feminismo ao longo de sua história foi alvo de campanhas que fizeram com que a população de modo geral acreditasse que o feminismo era um inimigo a combater”.

⁴ Neste estudo optamos por usar o termo movimentos feministas no plural embasado em Saffioti (2015), que aponta que não há apenas um histórico do movimento feminista, mas vários.

Desde o começo do movimento, o feminismo não era reconhecido pela sociedade patriarcal como uma luta por direitos, questões políticas e econômicas, ou por igualdade de oportunidades para as mulheres. Em vez disso, era encarado como uma busca em benefício delas. No fim das contas, o patriarcado se opõe à ideia de que as mulheres possam ter os mesmos direitos que os homens, pois isso afeta diretamente sua influência e controle, para Bourdieu (2010), o privilégio masculino está implicado no que concerne todo homem dever sempre evidenciar sua virilidade. Assim, “a virilidade é uma noção eminentemente relacional, construída diante dos outros homens e contra a feminilidade, por uma espécie de medo do feminino, e construída, primeiramente, dentro de si mesmo” (Bourdieu, 2010, p. 67).

Apesar da relutância, os movimentos feministas emergiram ao longo dos séculos como resposta à opressão histórica e sistemática das mulheres em diversas sociedades ao redor do mundo, consequente a sociedade patriarcal. Suas raízes podem ser rastreadas desde o Iluminismo, quando ideias de igualdade e direitos individuais começaram a ganhar força (Bittencourt, 2015). No entanto, foi no século XIX, durante os movimentos de sufrágio feminino, que o feminismo moderno começou a se articular de maneira mais organizada e visível. Conforme Franchetto (1981), as questões levantadas pelos movimentos feministas assumem que a identidade feminina é construída socialmente. Dessa forma, os movimentos procuraram eliminar essa prática de opressão feminina. Assim sendo, a relevância destes movimentos está no fato de ele representar os interesses das mulheres e por meio deles que a mulher se estabelece como um sujeito social.

Segundo Garcia (2011), o movimento foi segmentado em três fases que se iniciaram com o movimento das sufragistas no século XIX. As diversas ondas do feminismo apresentaram propostas distintas, mas sempre com o objetivo de desafiar o patriarcado vigente. direitos por meio do voto, educação, escolha e corpo.

A Primeira Onda, de acordo com Zolin (2012), abrange o período das últimas décadas do século XIX, quando a luta pelos direitos humanos ganhou expressão, até as primeiras décadas do século XX, marcadas pelo movimento sufragista, que buscava o direito ao voto feminino. Em sua pré-história, a literatura feminista teve um marco significativo em 1792, com a publicação de “A vindication of the rights of Woman” por Mary Wollstonecraft, que defendia os direitos das mulheres à educação e a igualdade entre os gêneros.

No início do século XX, a produção literária e ensaística de Virginia Woolf ganhou destaque, evidenciando uma consciência especial em relação à situação das mulheres. Em “Um Teto Todo Seu” (1980), Woolf atribui a escassa produção literária feminina às condições

materiais das mulheres, incluindo o acesso limitado à educação, às experiências de vida e à renda, fatores que restringem sua liberdade intelectual. Entretanto, ela já aponta para as transformações sociais da década de 1920, abrindo caminho para a escrita literária feminina.

A Segunda Onda teve início com a publicação de “O Segundo Sexo” por Simone de Beauvoir em 1949, uma obra que aborda, entre outros aspectos relevantes, os mitos sobre a mulher criados por escritores renomados, incluindo Stendhal e D. H. Lawrence (Beauvoir, 2013). Partindo da premissa de que a mulher nunca é o Um, mas sempre é o Outro, Beauvoir (2013) aponta a subordinação feminina como uma questão ontológica: é o inessencial que não retorna ao essencial. Esta obra foi um marco no pensamento feminista, abordando a questão da mulher por meio de várias perspectivas, como biologia, psicanálise e materialismo histórico, para demonstrar como a realidade feminina se constitui como o Outro e as consequências desse posicionamento. Para a autora, o estatuto feminino é uma conquista, como evidenciado pela frase emblemática com que inicia o segundo volume de sua obra: “Ninguém nasce mulher: torna-se mulher” (Beauvoir, 2013, p. 11). Garcia (2011, p. 82) afirma sobre Beauvoir que “ninguém havia exposto essas questões de maneira tão profunda, simples e resumida. Ela separa a natureza da cultura e aprofunda a ideia de que o gênero é uma construção social, ainda que ela não utilize a palavra gênero”.

Durante esse período “às mulheres eram negados direitos civis e políticos mais básicos, retirando de suas vidas qualquer possibilidade de autonomia pessoal” (Garcia, 2011, p. 51), marcado por profundo descontentamento com a situação das mulheres pós-guerra, ganhou destaque a obra de Betty Friedan, intitulada “A Mística Feminina”. Uma autora significativa, especialmente na crítica, é Kate Millett, cuja obra “Política Sexual” discute as relações de poder entre os sexos (Moi, 1989). Na década de 1980, o trabalho de Elaine Showalter, “A Crítica Feminista no Território Selvagem”, ressalta a discussão dos fundamentos dessa crítica. Showalter considera duas modalidades de crítica: a ideológica, que se refere à leitora, também chamada de leitura feminista ou crítica feminista, que privilegia imagens e estereótipos de mulheres na literatura, independentemente da autoria. Essa forma pode ter um caráter libertador, desconstruindo os modelos veiculados pela literatura. A segunda modalidade aborda a mulher como escritora, explorando a história, os estilos, os temas, os gêneros e as estruturas dos escritos de mulheres (Showalter, 1994). Esse aspecto possibilitou o desenvolvimento de um trabalho de pesquisa significativo para resgatar e analisar produções literárias femininas publicadas no século XIX e início do século XX.

A Terceira Onda Feminista, de acordo com Zolin (2012), surgiu por volta de 1990 nos Estados Unidos, impulsionada pela necessidade de revitalizar o movimento devido a desafios legais enfrentados no país. Também foi motivada pela crítica masculina, que alegava a redução dos direitos dos homens em paralelo à igualdade alcançada pelas mulheres, e pela crítica “conservadora de pós-feministas” que argumentava que as mulheres já tinham todas as garantias sociais e legais para viver em paridade na sociedade contemporânea (Zolin, 2012). A Terceira Onda apresenta uma agenda de reivindicações mais ampla do que o grupo da Segunda Onda, incluindo temas como teoria queer, consciência racial, pós-colonialismo, teoria crítica e transnacionalismo, entre outros.

Um aspecto destacado é a importância da autoestima sexual, reconhecendo a sexualidade como uma forma de poder. Feministas marginalizadas anteriormente desempenham um papel significativo na definição da identidade dessa onda, que acredita que a contradição e a negociação das diferenças são características marcantes do feminismo contemporâneo. No entanto, essas posições não são aceitas pelas feministas da Segunda Onda, que criticam uma imagem distorcida do feminismo transmitida pela mídia (Zolin, 2012). Cada onda dos movimentos feministas contribuiu para avanços significativos na promoção da igualdade de gênero, moldando e transformando a compreensão da sociedade sobre as questões relacionadas às mulheres. Entender essas ondas é fundamental para apreciar a complexidade e o progresso dos movimentos feministas ao longo do tempo.

1.3 OS ESTUDOS FEMINISTAS

Na esteira dos movimentos feministas surgem os estudos feministas que têm como principal razão teorizar e analisar toda a luta dos movimentos, visando fortalecer a desconstrução do sistema patriarcal. Garcia (2011) aponta que no século XIX, as primeiras ondas feministas focaram em questões como o direito de voto e a igualdade legal. As sufragistas, por exemplo, eram um grupo importante nesse movimento, buscando o direito de voto para as mulheres. Durante a segunda onda feminista, nas décadas de 1960 e 1970, o foco se expandiu para questões mais amplas, como direitos reprodutivos, igualdade salarial, e a desconstrução de papéis de gênero tradicionais (Wolf, 2018). Esse período viu uma maior conscientização sobre a opressão sistêmica enfrentada pelas mulheres em várias esferas da sociedade. A terceira onda feminista, a partir dos anos 1990, enfatizou a diversidade de experiências das mulheres, reconhecendo que as lutas não eram uniformes e que as questões de

gênero estavam interconectadas com outras formas de opressão, como raça, classe e orientação sexual.

Historicamente, os estudos feministas desafiaram normas culturais, instituições e estruturas que perpetuavam a desigualdade de gênero (hooks, 2020). Contribuíram para mudanças significativas, como legislação antidiscriminatória, maior participação das mulheres no mercado de trabalho e uma transformação gradual das normas de gênero na sociedade. Hoje, os estudos feministas continuam a crescer, abordando novas questões e desafios que surgem, mantendo-se uma ferramenta crucial na busca por uma sociedade mais igualitária e justa.

Mesmo com os avanços conquistados, ainda é evidente a presença da dominação masculina em praticamente todos os setores das relações sociais. Apesar das abordagens mais recentes nos estudos que incluem a mulher nas organizações terem ganhado considerável espaço na literatura e no meio acadêmico, o tema ainda é predominantemente masculino. A teoria organizacional tem sido caracterizada por uma “literatura escrita por homens, para os homens e sobre os homens” (Calás; Smicich, 1999, p. 281).

Para iniciar esta discussão, é essencial apresentar um breve histórico da crítica feminista e analisar suas duas principais vertentes. A primeira está associada à fase inicial do feminismo, enfocando o papel da mulher como leitora. A segunda corresponde a um momento posterior, no qual parte da crítica feminista, buscando restringir seu campo de estudo, passa a se concentrar no papel da mulher como escritora (Wolf, 2018).

A fase inicial do feminismo empreende uma crítica incisiva em relação à noção de universalidade do sujeito, bem como aos parâmetros de verdade e subjetividade, argumentando que esses elementos eram, na realidade, construções masculinas. O ato fundador da crítica feminista consistiu em uma reinterpretação de obras que compõem a tradição literária ocidental, em sua maioria escrita por homens como afirma Scholze (2002). Essa crítica focalizava os modos de representação das personagens femininas e possuía um caráter denunciativo, destacando que muitas vezes eram retratadas como seres passivos, sem influência significativa no desenrolar da trama de romances centrados na experiência masculina, como é o caso de Dom Quixote, de Miguel de Cervantes. Conforme apontado por Rita Felski, essas personagens podiam ser complexas, mas frequentemente não compartilhavam dos destinos morais dos personagens masculinos, pois “as mulheres da ficção existem como o reflexo da lua, brilhando na projeção da luz moral do homem” (Felski, 2003, p. 17).

É interessante notar que, apesar da diversidade presente nos estudos feministas, a maioria compartilha alguns pressupostos comuns. Notadamente, destaca-se o reconhecimento

da dominação masculina nos arranjos sociais, aliado ao desejo de promover mudanças nessa forma de dominação adjunto ao movimento feminista.

O movimento feminista surgiu a partir de reivindicações pelos direitos de liberdade e igualdade que, conquistados pelos homens do século XIX – advindos da Revolução Francesa por meio da Declaração de direitos do homem e do cidadão – assegurava a eles vários direitos, como explica Caldeira (2009) e, desse momento em diante, começaram os questionamentos das mulheres sobre a igualdade de seus direitos.

Culturalmente, a mulher estava restrita ao âmbito privado, o “lar”, submissa à figura masculina, fosse o pai ou o parceiro. No casamento, era tratada como mero instrumento de procriação, considerada propriedade dos homens, com a obrigação de obediência e subordinação como explica Delphy (2016). As mulheres viviam sob opressão, escravidão, exploração e abuso por parte de homens que acreditavam ter algum tipo de domínio sobre a classe feminina.

Nessa esteira, o patriarcado é um regime que intensifica a opressão de gênero, tratando as mulheres de forma inferior, submissa. Assim, os estudos feministas nos proporcionam uma compreensão e conscientização sobre a opressão de gênero e a representação feminina na literatura e outras formas de arte. Para Garcia (2011, p. 19), “[o] conceito de gênero é a categoria central da teoria feminista. Parte da ideia de que o feminino e o masculino não são fatos naturais ou biológicos, mas sim construções culturais”. Enquanto Garcia (2011) vê o gênero como uma construção cultural e até social, ela vê o sexo como um fator biológico. Judith Butler (2015), por outro lado, vê ambos como estruturas sociais. Para ela, o gênero consiste em atos performativos, atos repetidos. Assim, o gênero não é um fato, mas consiste em diversas formas de comportamento e, portanto, não possui essência. Diante desse cenário, as mulheres buscaram incessantemente o direito à liberdade e igualdade de um gênero que sempre foi estruturalmente submisso desde a gênese da sociedade.

Durante o século XX, os movimentos feministas experimentaram diversas fases. Similarmente a outros movimentos de minorias sociais, ao longo da história, ele se destacou por sua natureza específica, centrada na busca pelos direitos das mulheres. Garcia (2011) aponta que, o movimento feminista não tinha apenas como objetivo assegurar a participação das mulheres na sociedade em pé de igualdade com os homens e conquistar a igualdade em todos os direitos. Ele também abordava temas como trabalho, violência, sexualidade, estereótipos femininos, entre outros, de maneira singular e revolucionária. “Uma vez que a opressão da

mulher é a forma primordial e mais global de dominação, o movimento feminista trazia em si todo o potencial revolucionário das outras lutas” (Garaudy, 1982, p. 68).

Assim sendo, os estudos feministas proporcionaram uma compreensão das diversas formas de construção da identidade social e individual da mulher, ao mesmo tempo em que instigaram a reflexão sobre as relações entre o masculino e o feminino. Assim sendo, o feminismo é um movimento social e político que busca a igualdade de gênero em diversas áreas da sociedade. Ao longo da história, os movimentos feministas podem ser divididos em três grandes períodos ou ondas, como é mais comumente conhecido, abrangendo áreas como a literatura, a cultura e a política. Portanto, podemos afirmar que a crítica feminista sempre esteve integrada ao movimento, acompanhando sua progressão. Seguindo essa esteira, surge o casamento como uma instituição socialmente construída que historicamente reflete e reforça as dinâmicas de poder no patriarcado.

1.4 ONE PLUS ONE MAKES TWO EQUAL HALVES?⁵: O CASAMENTO

Segundo Araújo (2002), ao longo dos anos, o conceito de “casamento” tem sido moldado por diferentes condições econômicas, sociais, culturais, de classe e de gênero. Segundo o dicionário Michaelis (2023), o casamento é definido como um ato solene de união entre duas pessoas de sexos diferentes, capazes e habilitadas, com legitimidade religiosa e/ou civil. Esta definição já inclui implícita uma série de características que têm sido objeto de questionamento na contemporaneidade.

O casamento evoluiu significativamente ao longo da história, passando de uniões arranjadas para parcerias baseadas no amor (Coontz, 2004). Com isso, mudança para casamentos por amor tem sido um processo gradual, com variações culturais no equilíbrio entre casamentos arranjados e por amor persistindo (Hatfield; Rapson, 1995). O casamento moderno passou por mais transformações, moldadas por fatores como a maior independência econômica e igualdade legal das mulheres, o aumento da coabitação e mudanças nas normas sociais (Coontz, 2004). Essas mudanças levaram a novas configurações de amor, casamento e sexualidade na sociedade contemporânea (Araújo, 2002).

Ao longo da história, o surgimento do casamento como instituição esteve associado à regulamentação de atividades fundamentais da vida biológica, como a reprodução e o sexo. Por

⁵ Um mais um fazem duas partes iguais? (tradução nossa)

muito tempo, sua função foi legitimar a continuidade da espécie (Saraceno, 2003). Ao longo dos tempos, o casamento também desempenhou papéis significativos em termos de economia e sociedade. Atualmente, mudanças na sociedade, avanços na igualdade de gênero, transformações na vida sexual, melhorias em métodos contraceptivos e técnicas de reprodução têm redefinido tanto o significado quanto o papel que o casamento ocupa em nossa realidade, bem como afirma Zordan *et al.* (2009).

Severino (1996), nessa instância traz outra definição de casamento como a decisão de duas pessoas de viverem juntas em um relacionamento estável, comprometendo-se mutuamente a oferecer suporte para necessidades sociais, afetivas e sexuais. Reforçando essa perspectiva, Gomes e Paiva (2003) argumentam que o casamento na era pós-moderna deve estar associado à ideia de mudança, adaptação e abertura ao novo e ao diferente, enfatizando que deve servir como um espaço para o crescimento interpessoal e a criatividade. Embora essas questões sejam agora postas, Barker (2018) enfatiza que no casamento, o marido e a esposa são considerados uma única entidade perante a lei. Isso significa que a existência jurídica da mulher é temporariamente suspensa ou, pelo menos, fundida e integrada à do marido, sob cuja proteção e amparo ela realiza todas as suas ações. Quase todos os direitos legais, deveres e incapacidades que ambos adquirem por meio do casamento dependem deste princípio de união de pessoa entre marido e mulher. Brook (2002, p. 46, tradução nossa) discorre que

O casamento tem sido objeto de crítica feminista desde que houve feministas. Isso não surpreende, pois, em um nível muito fundamental, o feminismo tem as relações problematizadas entre os sexos, enquanto o casamento pode ser entendido como expressando ou representando um aspecto formal e estrutural de relações de sexo/gênero. De fato, a história do envolvimento feminista com o casamento quase equivale a uma história do pensamento feminista de maneira mais geral. Isto não é preciso dizer, então, que a variedade de opiniões feministas sobre o casamento é grande e criticamente diversificada. Apesar da variedade e escopo das críticas feministas do casamento, dois motivos recorrentes são discerníveis. O primeiro deles é que a maioria das feministas critica o casamento como uma instituição. O segundo tema segue e estende o primeiro: a maioria das críticas feministas do casamento tende favorecer sua reforma ou abolição.

Brook (2002), nesse cerne, afirma que a instituição serve de máscara para esconder a opressão vivida pelas mulheres dentro do casamento, pois para ela “uma das ideias mais duradouras decorrentes de críticas feministas é que o casamento foi revelado não apenas um local de parentesco institucional, mas também um local de relações de poder de gênero” (Brook, 2002, p. 47, tradução nossa), pois “o casamento é uma instituição criada por homens para servir os interesses dos homens” (Brook, 2002, p. 48, tradução nossa).

Além disso, Barker (2018) argumenta que as mulheres têm sido subordinadas dentro da instituição do casamento ao longo de sua história, com jurisdições de direito comum em grande parte. Nesse cerne, as feministas sempre foram céticas quanto à promoção do casamento pela igreja e estado e elas criticaram os discursos de amor, romance e a vida de casal que cercam a instituição do casamento na cultura ocidental (Firestone, 2003). Atkinson (1974) criticou o amor e o casamento como o relacionamento ideal, porque, ao fazer as mulheres concordarem com um papel subordinado, elas são cúmplices em sua própria opressão.

Carole Pateman (1993), por outro lado, considerou o casamento da perspectiva de um contrato social no qual o domínio dos homens sobre as mulheres e o direito dos homens de desfrutar de igual acesso sexual às mulheres estava em questão; de modo que “em uma sociedade patriarcal, o casamento e a fidelidade feminina são requisitos para relacionamentos heterossexuais” (Pateman, 1993, p. 43, tradução nossa). Gayle Rubin (1975, p. 175, tradução nossa) se referiu a isso como tráfico ou troca de mulheres: “as mulheres são dadas em casamento, levadas em batalha, trocadas por favores, enviadas como homenagem, negociadas, compradas e vendidas”. Portanto, o casamento está enraizado no discurso da monogamia que “privilegia os interesses dos homens e do capitalismo, operando por meio dos mecanismos de exclusividade, possessividade e ciúme” (Robinson, 1997, p. 144, tradução nossa). Finlay e Clarke (2003) parafraseando Hagan (1993), nesse sentido, consideram que o casamento é uma colonização íntima.

Com isso, para garantir seu direito ao consórcio, um marido poderia fisicamente restringir sua esposa ou confiná-la em casa e buscar indenização contra qualquer pessoa que interferisse nesse direito. O dever de sustento estava ligado a isso e referia-se à obrigação do marido de sustentar sua esposa. No entanto, a esposa tinha capacidade limitada para fazer valer essa obrigação, pois cabia ao marido determinar seu padrão de vida; isso apenas garantia à esposa o direito à cama e à mesa, e não era possível para ela exigir isso se estivessem vivendo separados por qualquer motivo que não fosse a conduta incorreta do marido, seguindo o pensamento de Barker (2018). Contudo, toda essa dominação existente desde a criação do casamento como uma instituição advinda das raízes patriarcais, é excepcional abrir uma vertente para essa instituição como amor romântico, porém é importante frisar que em primeira instância como mencionado o casamento foi a saída que o sistema comandado pelo patriarcado achou para que a mulher vivesse presa ao domínio do homem, sobre isso Clare Chambers (2012, p. 5, tradução nossa) discorre que

Podemos questionar, no entanto, se importaria se as mulheres sentissem pressão para entrar no casamento, se fosse o caso de que os aspectos práticos do casamento fossem igualitários. Em outras palavras, se o casamento não mais prejudicasse as mulheres na prática, importaria se elas fossem pressionadas a entrar nele simbolicamente? Podemos ter várias objeções baseadas em autonomia e diversidade a essa pressão, que se aplicariam tanto a mulheres quanto a homens. No entanto, uma maneira pela qual a pressão para entrar até mesmo em casamentos reformados poderia prejudicar particularmente as mulheres (e, portanto, ser de particular preocupação para as feministas) é o simples fato de que o casamento historicamente foi uma instituição extremamente sexista. Mesmo que essas opressões históricas tenham sido reformadas, de modo que as esposas sejam iguais aos maridos em todas as áreas da lei, o casamento continua sendo uma instituição enraizada na subjugação das mulheres.

Toerien e Williams (2003, p. 434) argumentam que “o casamento ainda é profundamente marcado pela sua longa história como um mecanismo de suporte para a dominação patriarcal das mulheres”. Ademais, Chambers (2012) argumenta que o faz o casamento diferente de outras instituições se dá principalmente por causa dos significados que representa. Casais podem se casar para obter vários benefícios práticos, legais ou financeiros, mas um aspecto fundamental da maioria dos casamentos é a declaração que o casal faz sobre seu relacionamento. Tanto para o casal que se casa quanto para a sociedade em geral, o significado simbólico do casamento é pelo menos tão importante quanto seus aspectos práticos.

Sendo o casamento uma instituição histórica, é impossível desvinculá-lo de seu passado, pois seu status como tradição está intrinsecamente ligado ao significado atual que carrega. Essa conexão histórica torna essencial a compreensão dos significados e representações que o casamento incorpora, pois o que ele simboliza hoje é diretamente influenciado pelas suas origens e mudanças ao longo do tempo. Portanto, para entender plenamente o que a instituição do casamento representa atualmente, é necessário considerar seu contexto histórico e as transformações pelas quais passou.

Precilla Choi e Steve Bird (2003) argumentam que a ideia de que precisamos encontrar o parceiro perfeito para passar a vida, compartilhar segurança, comprometimento e companheirismo parece um reflexo dos ideais românticos de conto de fadas que as mulheres são ensinadas desde a infância até a idade adulta, moldando o roteiro tradicional da feminilidade, bem como Jane Ussher, (1997) também aponta. Choi e Bird (2003) afirmam que essa noção, com base nas altas taxas de divórcio, também parece irrealista. Além disso, apenas porque alguns permanecem juntos por um longo tempo não significa necessariamente que eles estão felizes, muitas vezes, eles permanecem juntos simplesmente porque o casamento é uma expectativa social (Unger; Crawford, 1996), uma vez que a sociedade assume que todos devem querer estar em um relacionamento e permanecer casados. Como resultado, as mulheres que optam por permanecer sem filhos são às vezes vistas como anormais (Woollett; Marshall, 2001)

e, da mesma forma, as mulheres que decidem ficar solteiras também são vistas como se desviando da norma (Matlin, 2000).

Outrossim, a crescente pressão para a mulher se tornar mãe após o casamento ou até mesmo antes, na qual é usada como desculpa para a união conjugal, se faz presente nesse cenário, pois segundo Engels (1986) as mulheres eram posicionadas como cuidadoras do lar e mãe, e os homens como o provedor da casa. Adrienne Rich (2010 [1980]) aponta que a expectativa social de que mulheres casem e se tornem mães reduz seu valor às funções reprodutivas, assim, marginalizando aquelas que optam por não seguir esse caminho.

Nesta seara, Beauvoir (2013) afirma que essa pressão para que as mulheres se tornem mães não é biologicamente inevitável, mas socialmente construída, e que estão frequentemente ligadas a ideia normativa de feminilidade, já que as sociedades ocidentais prescrevem a maternidade como um objetivo central de vida pelo qual se alcança a feminilidade (Christler, 2013), e acabam por isso ignorando as escolhas e necessidades individuais das mulheres. Com essa expectativa social sobre a maternidade outra pressão surge nesse âmbito – o corpo da mulher.

Esta discussão é uma reflexão direta sobre como a sociedade impõe que a mulher deva ter corpo ideal para seus olhos. Saffioti (2015) explica que é esse discurso hegemônico, misógino e ideológico em relação aos corpos femininos que tem perpetuado a divisão social e sexual entre homens e mulheres, atribuindo à mulher a condição de objeto em virtude de sua própria “natureza”. Parafraseando Wolf (2018), o mundo ensina às mulheres uma perspectiva masculina, e a pressão que elas enfrentam é para se adaptarem a um ambiente dominado pelos homens. Além de ser pressionada para casar-se, ser mãe e a opressão interpessoal e intrapessoal, muitas mulheres encararam dentro de seus casamentos o pesadelo da violência doméstica, no qual, mais uma vez o homem toma a mulher como propriedade. Maria Cecília Minayo (2005, p. 24) discorre que

No caso das relações conjugais, a prática cultural do “normal masculino” como a posição do “macho social” apresenta suas atitudes e relações violentas como “atos corretivos”. Por isso, em geral, quando acusados, os agressores reconhecem apenas “seus excessos” e não sua função disciplinar da qual se investem em nome de um poder e de uma lei que julgam encarnar. Geralmente quando narram seus comportamentos violentos, os maridos (ou parceiros) costumam dizer que primeiro buscam “avisar”, “conversar” e depois, se não são obedecidos, “batem”. Consideram, portanto, que as atitudes e ações de suas mulheres (e por extensão, de suas filhas) estão sempre distantes do comportamento ideal do qual se julgam guardiões e precisam garantir e controlar.

Nesse cerne, Saffioti (2015, p. 4) aponta que “os homens têm autonomia, enquanto as mulheres só conhecem heteronomia”, isto é, e a mulher tem que agir de acordo com as normas feitas pelo homem. Esse pensamento de Saffioti leva a uma discussão levantada por Johnson (1997, p. 147), segundo a autora, “grupos dominantes são geralmente autônomos no sentido de que eles não são responsáveis por aqueles que lhes estão abaixo e não precisam pedir permissão para fazer aquilo que desejam”. Nessa esteira, o casamento abre mais uma margem na qual se encontra a mulher, a da violência doméstica. Uma vez que desde a união conjugal a mulher é entregue ao homem, como aponta Beauvoir (2013), em primeira instância como propriedade.

Diante do exposto, Book (2002) aponta que muitas feministas questionam se o casamento, mesmo em suas novas configurações, ainda não retém vestígios de uma estrutura de poder desigual. E que, apesar do avanço da autonomia feminina em várias áreas, o casamento pode continuar a ser um reflexo das normas tradicionais de gênero que submetem a mulher de formas mais sutis.

Dito isso, é importante retomar o pensamento de que inicialmente o casamento, de forma geral, era visto mais como instituição social do que como uma união por amor, uma vez que o casamento trazia como maior função garantir alianças familiares, preservar propriedades, consolidar status social, e garantir a ordem econômica e política (Jankowiak e Fischer, 1992). Por muito tempo, o casamento por amor romântico é algo secundário, uma vez que as uniões conjugais eram baseadas frequentemente em convenções familiares e interesses externos, mais do que em sentimentos pessoais.

Diante do exposto, esse capítulo apresenta a problemática do casamento, abordada pelos estudos feministas, e como ao longo dos anos é uma instituição que oprime e subjuga as mulheres. Com isso, paralelo os estudos feministas, faremos no próximo capítulo a análise dos sete casamentos de Evelyn Hugo, em *The seven husbands of Evelyn Hugo*, e como essa problemática está implicada na narrativa da protagonista.

CAPÍTULO 2

MARIDOS OU MÁSCARAS? o que os sete casamentos de Evelyn Hugo nos revelam

Este capítulo é dedicado ao diálogo construído entre o objeto literário contemplado nesta investigação e os Estudos Feministas. Assim, apresentamos a autora de *The seven husbands of Evelyn Hugo* (2017), Taylor Jenkins Reid e a sinopse da obra. Somado a isso, ainda neste capítulo consiste nas análises interpretativas da obra literária, que são pensadas a partir das teorizações dos Estudos Feministas.

2.1 QUEM É TAYLOR JENKINS REID

Taylor Jenkins Reid é uma autora estadunidense nascida a 20 de dezembro de 1983, que tem se estabelecido, nos últimos anos, como uma das mais populares autoras da atualidade. Criada na cidade de Acton, em Massachusetts, Taylor cresceu com o sonho de se mudar para Los Angeles e trabalhar em Hollywood. É formada na área de comunicação e, quando saiu da faculdade, se juntou a uma agência responsável pela seleção de atores para os mais diversos filmes. Conhecida por seus romances que exploram as complexidades das relações humanas, os dilemas emocionais e as jornadas de autodescoberta de suas personagens. Com personagens que possuem muitas nuances, ela se destacou por criar protagonistas femininas fortes, que enfrentam desafios intra e interpessoais para entenderem a si mesmas e se afirmarem no mundo.

Sua carreira começou com livros como *Maybe in another life* (2013) e *After I do* (2015), que aborda a temática conjugal, nos quais já revelavam sua habilidade de tratar de temas como amor, perda e recomeços. Contudo, foi com *The seven husbands of Evelyn Hugo* (2017) que Taylor Jenkins Reid alcançou reconhecimento internacional, dando um passo mais audacioso ao criar personagens ainda mais complexos e narrativas que mergulham fundo em temas como a fama, o amor e a agência feminina.

2.2 SOBRE A OBRA LITERÁRIA

The seven husbands of Evelyn Hugo é um sucesso estrondoso, tanto pela crítica como pelas vendas. O livro de Taylor Jenkins Reid conquistou seu espaço no cenário nacional e internacional, consagrando-se no gênero literatura pop. No Brasil, ficou na terceira posição da lista dos mais vendidos da Amazon em 2022. O livro foi publicado em 2017 e chegou ao Brasil dois anos depois (2019), pela Editora Paralela, com tradução de Alexandre Boide.

A proposta do livro autobiográfico ficcional é contar os segredos da vida de uma estrela de cinema hollywoodiana, Evelyn Hugo, personagem inspirada, segundo Reid, nas grandes musas hollywoodianas, especialmente em Elizabeth Taylor e Marilyn Monroe, por sua beleza deslumbrante, seus seios incomparáveis e uma história cercada de segredos e escândalos.

Evelyn Hugo é uma loira fatal, uma estrela de cinema estadunidense das décadas de 1950 e 1960, que fez o mundo se derreter por suas curvas, pelo seu rosto perfeito, pelo seu carisma e pela sua ousadia e, também, é claro, por seus escândalos, vários relacionados ao seus nada menos que sete maridos

A sinopse do livro gira em torno da relação de Evelyn Hugo com Monique Grant, uma jornalista de pouco renome que trabalha em uma revista de moda, escolhida a dedo pela estrela de cinema para escrever sua biografia a ser publicada apenas após sua morte. Evelyn Hugo, como o próprio nome do livro antecipa, viveu uma vida movimentada, com altos e baixos, e uma relação de amor e ódio com a fama e o poder. Sua história é narrada na perspectiva de seus sete casamentos, desvelando o conflito entre o amor romântico e o amor realista⁶.

Para além das questões matrimoniais e amorosas, *The seven husbands of Evelyn Hugo* descreve os bastidores de Hollywood, mostra a rivalidade e a disputa entre atores e atrizes para conseguir papéis e ganhar grandes prêmios, como o Oscar. No caso da protagonista, ela utiliza meios bastante duvidosos, porém inteligentes para alcançar seus objetivos, ou seja, conseguir esses papéis e se tornar uma verdadeira estrela. Por meio da história de vida da personagem, a obra discute os desafios da vida das mulheres, sobre o uso de seus corpos em prol de seus interesses e as concessões que elas fazem para obter o que desejam. Em adição a isso, temas como machismo, racismo, relacionamento abusivo e homofobia também são abordados no livro, gigantesco tabu na sociedade dos anos 1950.

Ainda que Evelyn Hugo seja uma personagem fictícia, sua história de vida nos faz refletir sobre ser mulher no século XX, uma realidade que, a partir de muita luta, começou a ser mudada. Ela provavelmente imaginou que assim que se tornasse uma musa hollywoodiana, estaria, ainda que parcamente, protegida da machista realidade vivenciada pelas mulheres de sua época, mas estava enganada. Apesar do glamour e fama alcançados, ela sempre foi vítima e refém da pressão social em relação aos casamentos, filhos, carreira e beleza que serviam como uma forma de colocar todas as mulheres no seu devido lugar. Por mais que fosse famosa, ela era apenas mais uma peça que poderia proporcionar lucro para alguém.

⁶ Sinopse elaborada pela pesquisadora.

De origem cubana e de família pobre, a protagonista estava fora dos padrões ideais hollywoodianos: branco, loiro e recatado. Ela sabia que para alcançar seu sonho, herdado de sua mãe, seria obrigada a se encaixar nesse modelo ideal de feminilidade, não apenas abandonando suas origens, mas, sobretudo, assumindo-se como objeto de desejo, aproveitando-se de sua beleza e sensualidade para isso. Todos a desejam e ela sabe disso: seu rosto bem delineado, seus enormes seios perfeitos, seu olhar hipnotizante.

2.3 OS SETE MARIDOS DE EVELYN HUGO: investigando as alianças de Evelyn

Nesta parte, apresentamos as análises de nossa investigação acerca das motivações e expectativa sociais em relação aos sete casamentos vivenciados por Evelyn Hugo em *The seven husbands of Evelyn Hugo* (2017), sob as lentes dos Estudos Feministas.

Evelyn se debruça em seus sete casamentos para conseguir o que tanto almeja: a fama. Cada relacionamento conjugal é uma janela para diferentes fases de sua vida e carreira. É como se ela tivesse vivido várias vidas em uma só. A forma como ela navega pelos relacionamentos, revelando segredos e mantendo mistérios, é digna de uma verdadeira estrela de cinema. Cada marido desempenha um papel significativo em sua jornada, seja como um apoio emocional, uma fonte de escândalos ou uma paixão ardente. Com isso, para cada casamento existe uma motivação e em detrimento disso ao adentrar nessas relações as expectativas sociais se tornam evidentes. Diante disso, partiremos desse princípio para analisar os sete casamentos de Evelyn Hugo.

2.3.1 Poor Ernie Diaz⁷

Logo no início dos relatos para sua biografia Evelyn revela detalhes sobre sua infância e adolescência a Monique Grant, e suas condições difíceis de vida, demonstrando como a pobreza marcou sua trajetória. Ela menciona que, devido à falta de recursos, ela e sua família chegaram a roubar eletricidade do apartamento vizinho. Evelyn descreve sua mãe com admiração, ressaltando sua beleza, talento como cantora e bondade, tratando-a quase como uma figura idealizada. Ademais, mãe de Evelyn nutria um sonho otimista para ambas: sair de Hell's Kitchen, um bairro pobre de Nova York, e conquistar uma vida de luxo em Hollywood

⁷ Pobre Ernie Diaz (tradução nossa); aqui utilizaremos, inspirado na narrativa de Evelyn Hugo, o modo no qual ela se refere ao marido desta análise.

No entanto, esse sonho é bruscamente interrompido pela morte da mãe, o que deixa a em um estado de desilusão profunda. A perda da mãe é comparada a um despertar abrupto de um sonho para uma realidade dura e imutável, onde suas esperanças foram destruídas. Assim, com a morte da mãe, ela se vê presa em Hell's Kitchen, sem perspectivas de um futuro melhor, revelando a sensação de estagnação e perda de propósito que a dominou após essa tragédia. Mas a vida precária, pobreza e a violência física que ela sofria de seu pai acaba por encorajá-la novamente a deixar sua casa e seguir o sonho que sua mãe alimentara – ir para Hollywood.

Evelyn discorre como usou da astúcia para criar uma oportunidade que pudesse levá-la mais perto do mundo de Hollywood. O plano que Evelyn conta envolve uma rede de conexões: sua amiga Beverly conhecia Ernie Diaz, um eletricista que, por sua vez, tinha contatos na MGM, um dos maiores estúdios cinematográficos da época. Ao descobrir que Ernie estava buscando um trabalho em Hollywood, Hugo vê nisso uma chance de se aproximar dele.

I put on my favorite green dress, the one I had just about grown out of. And I knocked on the door of the guy I heard was headed to Hollywood. [...] Ernie Diaz was glad to see me. And that's what I traded my virginity for. A ride to Hollywood. Ernie and I got married on February 14, 1953 (Reid, 2017, p. 44).⁸

Ela então finge um encontro casual sob o pretexto de visitar Beverly, vai até o prédio dela e deliberadamente bate na porta de Ernie, fingindo estar à procura de sua amiga. A intenção clara, mas disfarçada por trás desse ato, é fazer contato com Ernie para, possivelmente, explorar suas conexões no mundo do cinema e encontrar uma brecha para sua própria ascensão. Essa atitude evidencia a determinação, da então garota desconhecida de Hell's Kitchen, em utilizar as oportunidades que surgem, mesmo que de forma calculada, para perseguir seu sonho de entrar para o mundo glamouroso de Hollywood. Evelyn conta Grant que obteve sucesso no seu plano, uma vez que ela era uma mulher de beleza estonteante e sabia disso.

No entanto, para que a menina de catorze anos pudesse sair de casa havia uma condição – seu pai teria que entregar ela para um marido, já que a narrativa da obra literária é ambientada principalmente em 1950. Sobre isso Saffioti (2015) discorre que o patriarcado é um sistema de opressão estrutural que molda mulheres para serem “reprodutoras e cuidadoras”, condicionando sua autonomia às normas impostas por esse sistema. A autora também argumenta que o patriarcado, nesse sentido, perpetua práticas tradicionais, como a submissão feminina e o

⁸ Coloquei meu vestido verde favorito, aquele que eu já estava quase deixando de caber. E bati na porta do cara que eu soube que estava indo para Hollywood. [...] Ernie Diaz ficou feliz em me ver. E foi por isso que eu troquei minha virgindade. Por uma carona para Hollywood. Ernie e eu nos casamos em 14 de fevereiro de 1953 (Reid, 2017, p. 44, tradução nossa)

controle de sua mobilidade por meio de figuras masculinas como o pai ou o marido. Essa dinâmica, por sua vez, reflete como as relações sociais posicionam as mulheres como subordinadas aos homens. Na mesma esteira, Pateman (1993), complementa essa visão ao criticar o casamento no âmbito patriarcal e como ele reforça essa dependência, principalmente em períodos como os anos 1950, quando a norma social atribuía às mulheres papéis de subserviência e passividade. Essas perspectivas, desse modo, contextualizam o casamento de Evelyn e Ernie como uma escolha condicionada pelas expectativas patriarcais da época, em que a saída de casa só seria permitida se acompanhada pela supervisão de outro homem, o marido. No entanto, Evelyn o fez, e garantiu sua passagem para Hollywood mesmo que o preço a pagar fosse esse, isso marca a motivação para seu primeiro casamento. Nesse cerne, Evelyn discorre a Monique sua determinação ao bater na porta de Ernie Diaz. Expondo, sem rodeios, a decisão que tomou – a troca da sua virgindade por uma oportunidade de sair de sua realidade e seguir rumo a Hollywood.

Ernie Diaz foi o primeiro marido de Evelyn Hugo logo aos catorze anos de idade, nesse excerto fica evidente a forma como o casamento foi conduzido, pois mesmo que Evelyn tenha tomado essa decisão com um propósito de conseguir o que tanto desejava ainda assim ela teria que andar sob as normas de uma sociedade patriarcal, na qual era normal uma menina de catorze anos ser entregue a um homem mais velho e utilizar o casamento como forma de potencializar a expectativa social sobre a propriedade que o marido tem em relação a sua esposa a sua esposa, no cenário dos anos 1950. Essa discussão nos remete o pensamento de Beauvoir (2013) sobre a mulher ser sempre propriedade de homens desde quando nasce, primeiramente do pai e secundamente do marido.

Em Hollywood e casada com Ernie Diaz, Evelyn começa a realizar o plano que a levou até a cidade mais famosa do mundo e começa a ter pequenos papéis depois que consegue ser descoberta por Harry Cameron, um cineasta famoso. Dito isso, ela conta a Grant que pela primeira vez estava ganhando tanto dinheiro quanto Ernie, após ele ser promovido a key grip (um cargo técnico no cinema). Contudo, apesar de sua independência financeira crescente, ela ainda precisava pedir a permissão dele para gastar seu próprio dinheiro em aulas de atuação.

I had never made much money before, and now I was making as much as Ernie after he was promoted to key grip. So I asked him if I could pay for acting classes. I'd made him *arroz con pollo* that night, and **I specifically didn't take my apron off when I brought it up. I wanted him to see me as harmless and domestic. I thought I'd get further if I didn't threaten him.** It grated on my nerves to have to ask him how

I could spend my own money. But I didn't see another choice (Reid, 2017, p. 47, grifo nosso).⁹

Essa atitude nos leva até a discussão de Judith Butler (2021) sobre as expressões de gênero e como o homem e mulher devem performar – o homem é ser esperado a assumir o papel de provedor e chefe da família, enquanto a esposa é frequentemente vista como a cuidadora principal, responsável pelas tarefas domésticas e pela criação dos filhos. Segundo a teoria de Butler (2021), esses papéis não são expressões naturais de quem as pessoas são, mas performances que reforçam as expectativas sociais do que significa ser “homem” ou “mulher” em um casamento, nesse sentido. Mais uma vez fica explícito que mesmo que Evelyn tenha feito suas escolhas por conta de seu objetivo, ainda assim ela vivia à mercê de uma sociedade que esperava que ela fosse obediente aos padrões patriarcais internalizados. Além disso, Betty Friedan (2013), afirma que o papel de “boa esposa” é utilizado como uma forma de mitigar conflitos em relacionamentos que perpetuam a desigualdade.

Ademais, na parte grifada do exceto, fica evidenciada a estratégia de Evelyn de recorrer a um comportamento submisso e doméstico para buscar a aprovação de Ernie ao solicitar a realização de aulas de atuação. Para entender essa dinâmica Joan Scott (1994), destaca como as distinções baseadas em gênero são construções sociais historicamente articuladas para justificar e perpetuar desigualdades. Nesse cerne, fica visível a prática de poder que o marido tem sobre Evelyn, sobre isso, Srilatha Batliwala (1994) e Shirin Rai (2002) enfatizam o conceito de “poder sobre” como um mecanismo de dominação que limita as escolhas e a capacidade de agência das mulheres. Além disso, essa narrativa reflete o que Maxine Molyneux (1985) define como a luta das mulheres para atender necessidades práticas de gênero e, assim, conquistar interesses estratégicos de gênero. Nesse caso, Evelyn, pedir para fazer aulas de atuação não apenas busca um interesse prático, melhorar suas habilidades, mas também implica uma tentativa de alcançar uma posição mais estratégica e empoderada dentro do sistema que a oprime.

Por fim, esse excerto captura uma realidade sistêmica na qual as mulheres utilizavam de meios indiretos e conciliatórios para acessar direitos e recursos que, em teoria, já lhes pertencem. Essas escolhas não são apenas individuais, mas também moldadas pelas estruturas de poder que determinam seus contextos históricos. Nesse cerne, o casamento de Evelyn Hugo

⁹ Eu nunca tinha ganhado muito dinheiro antes, e agora eu estava ganhando tanto quanto Ernie depois que ele foi promovido a "key grip". Então, eu perguntei a ele se poderia pagar pelas aulas de atuação. Eu tinha feito arroz com frango para ele naquela noite, **e eu especificamente não tirei o meu avental quando mencionei isso. Eu queria que ele me visse como inofensiva e doméstica. Achei que eu conseguiria mais se não o ameaçasse.** Me irritava ter que perguntar a ele como eu poderia gastar o meu próprio dinheiro. Mas não via outra opção (Reid, 2017, p. 47, tradução nossa, grifo nosso).

com Ernie Diaz pode ser compreendido por meio das motivações individuais, ida a Hollywood, e das imposições sociais de uma sociedade patriarcal.

No que diz respeito a motivação para o casamento com Ernie, Beauvoir (2013) afirma que, em uma sociedade patriarcal, as mulheres são condicionadas a ver o casamento como uma forma de realização, e muitas vezes, uma maneira de alcançar uma posição social mais elevada. No caso de Evelyn, o casamento com Ernie representa a oportunidade de sair de um contexto familiar restritivo e conseguir um lugar no mundo do cinema. No entanto, essa condição está atrelada à submissão às regras do casamento, na qual ela, como muitas mulheres de sua época, se vê presa entre as expectativas sociais e suas ambições pessoais.

Evelyn, ao pedir permissão para gastar seu próprio dinheiro e se submeter a um casamento que atenda às normas da época, reflete a necessidade de adaptação às expectativas patriarcais. Conforme hooks (2004) a sociedade, na esteira patriarcal e de papel de gênero, impõe o casamento como um espaço onde as mulheres são socialmente condicionadas a desempenhar papéis de submissão, enquanto os homens mantêm o poder político e econômico. Nesse sentido, Evelyn se encaixa no papel de mulher subjugada, que precisa pedir a permissão do marido para tomar decisões sobre sua vida, mesmo quando a fonte de renda vem do seu próprio trabalho. Isso reflete a manutenção da autoridade masculina e a limitação da autonomia feminina. Judith Butler (2015), sobre isso, discorre que a expressão de gênero e a conformidade com as expectativas de masculinidade e feminilidade são fundamentais para manutenção de poder nas relações sociais, e nesse contexto, Evelyn ao adotar um comportamento “inofensivo e doméstico” diante de seu marido, está de certa forma, desempenhando uma performance de gênero que facilita a obtenção do que deseja. No entanto, ao manipular as normas de gênero, Evelyn, ao mesmo tempo, reforça a subordinação dentro da estrutura matrimonial. Isso reflete que, mesmo motivada pelos seus interesses pessoais, o casamento com Ernie está atrelado às expectativas sociais nas quais Evelyn deveria atender, haja vista a sociedade patriarcal que a cercava.

2.3.2 Goddamn Don Adler¹⁰

Evelyn conta para sua biógrafa que o casamento com Ernie durou até ela conseguir se reafirmar na indústria. Ela diz que Ernie não compartilhava das mesmas ambições que ela, pois ele era mais interessado em levar uma vida simples e tranquila, enquanto Evelyn era obcecada

¹⁰ Maldito Don Adler (tradução nossa); aqui utilizaremos, inspirado na narrativa de Evelyn Hugo, o modo no qual ela se refere ao marido desta análise.

por sua ascensão na indústria cinematográfica e pelo glamour que ela acreditava que só Hollywood poderia oferecer. Evelyn conta que com o passar do tempo relacionamento deles se torna cada vez mais frágil, isto porque Evelyn buscava uma vida de brilho e sucesso, algo que Ernie não podia ou não queria proporcionar. Além disso, o casamento também sofre com a falta de verdadeira conexão emocional entre eles, já que, desde o início, o casamento foi motivado por interesse.

Algum tempo depois de Evelyn pedir o divórcio, Harry Cameron, agora seu amigo e um cineasta superfamoso, diz a ela que era aconselhável ela ser vista com alguém de renome dentro da indústria cinematográfica e assim planeja um encontro com Don Adler, outro ator, com a intenção de que ela se envolva com ele, não apenas como uma oportunidade de carreira, mas também para melhorar sua visibilidade e agradar tanto os estúdios quanto o público.

Evelyn conta a Monique que mesmo que o encontro fosse algo arquitetado ela sentiu que com Don seria diferente, pois ele a “tratava como uma pessoa” (Reid, 2017, p. 63, tradução nossa) e não como um objeto como ela já estava acostumada a ser tratada. Logo, não demora para que eles se casem, uma vez que Evelyn imaginava em Don o seu final feliz, Brook (2002), discorre nessa perspectiva que a maioria das mulheres se casavam com a ideia de um final feliz e um casamento perfeito, e com Evelyn não foi diferente pois esse casamento ela realmente se casou por amor aos dezenove anos.

Com o passar do tempo o casamento cai em ruínas em detrimento do comportamento abusivo de Don. O ator revela sua visão sobre o relacionamento com Evelyn, quebrando a ilusão de igualdade que ela poderia ter. Ele deixa claro, de forma agressiva e condescendente, que não considera Evelyn sua parceira igual, mas alguém inferior a ele.

“I think you have gotten the wrong impression here, Evelyn,” Don said. “And how is that?” He came right up into my face. “We are not equals, love. And I’m sorry if I’ve been so kind that you’ve forgotten that.” I was speechless. “I think this should be the last movie you do,” he said. “I think it’s time for us to have children”. I looked right at him and said, “Absolutely. Positively. Not.” And he smacked me across the face. Sharp, fast, strong (Reid, 2017, p. 77).¹¹

Quando Don responde que eles não são iguais, ele destaca o desequilíbrio de poder entre ele, enquanto quer que ela saiba que ela pode ser uma mulher bem-sucedida, mas ainda precisa entender que ela é apenas uma mulher submissa, refletindo uma visão de mundo patriarcal em

¹¹ “Eu acho que você teve a impressão errada aqui, Evelyn”, disse Don. “Como assim?” Ele chegou bem perto do meu rosto. “Nós não somos iguais, querida. E me desculpe se fui tão gentil a ponto de você esquecer disso.” Eu fiquei sem palavras. “Eu acho que este deveria ser o último filme que você faz”, disse ele. “Acho que está na hora de termos filhos.” Eu olhei bem para ele e disse: “Absolutamente. Positivamente. Não.” E ele me deu um tapa no rosto. Rápido, forte, doloroso. (Reid, 2017, p. 77, tradução nossa)

que o homem se posiciona como superior e detentor de autoridade sobre sua parceira como Sylvia Walby (2005) aponta destacando a estrutura patriarcal é sustentada por instituições, como o casamento, onde a divisão de papéis reforça o domínio masculino, tanto econômico quanto simbólico. Em seguida, quando Don fala que este filme atual de Evelyn deve ser o último que é hora de terem filhos, o homem sublinha seu controle sobre sua vida e carreira. Don quer que ela lembre o papel tradicional de esposa e mãe ao sacrificar suas ambições profissionais para atender às expectativas do marido e da sociedade. Essa expectativa reflete uma das premissas da “ideologia da domesticidade”, em que o espaço público é reservado ao homem, e o privado/doméstico, à mulher (Friedan, 2013). A resposta dela, que está sem palavras, demonstra que ela está chocada e surpresa, mas também reflete a frustração e impotência que ela sente diante da imposição de Don. Sendo assim, esse momento ilustra a luta de Evelyn entre suas próprias aspirações e as expectativas de seu marido, destacando a opressão que ela enfrenta em um contexto social onde as mulheres eram muitas vezes forçadas a abandonar suas carreiras e focar na família.

A resposta de Evelyn foge do que Don espera dela, dessa forma, o tapa, “rápido, forte e doloroso”, é um ato de abuso e destaca o desequilíbrio de poder entre os dois e revela o lado controlador e agressivo de Don. A violência física não é apenas uma tentativa de humilhar Evelyn, mas também um lembrete cruel das limitações que ela enfrenta como mulher em uma relação abusiva, onde qualquer resistência a certos papéis é severamente punida. Evan Stark (2007), aponta que a violência doméstica é um mecanismo de controle para subjugar a autonomia feminina, consolidando o poder do homem sobre a mulher.

Em seu casamento com Don Adler, Evelyn é primeiramente motivada pelas aparências mas logo em seguida acaba se encantando por ele, o que a leva a casar-se por amor e não somente por interesse. No entanto, Don Adler se mostra a personificação de uma sociedade patriarcal exigindo de Evelyn tudo o que a mulher deveria performar naquela época, ou seja, além de ser uma criatura subordinada, ainda deveria ser violentada fisicamente se não obedecesse ao marido.

O casamento de Evelyn Hugo com Don Adler reflete as expectativas sociais e culturais profundamente enraizadas em uma sociedade patriarcal da época, particularmente no contexto de Hollywood. Nessa época, as mulheres eram frequentemente vistas como objetos de desejo, e suas carreiras, especialmente no cinema, eram moldadas pela aceitação e o olhar masculino, que segundo Laura Mulvey (2013) consiste em moldar as representações das mulheres de acordo com a perspectiva masculina dominante. No excerto analisado, a tensão entre Evelyn e

Don se torna evidente quando ele, em um ato de agressão física e psicológica, reforça seu poder sobre ela, exigindo que ela deixe sua carreira e se dedique à maternidade. A violência física que Don inflige a Evelyn, ao dar-lhe um tapa, reflete as dinâmicas que poder presente nesse casamento e na sociedade de uma maneira mais ampla. Esse tipo de violência pode ser entendido no contexto das discussões de bell hooks (2004), que analisa como o patriarcado exerce controle sobre as mulheres por meio da violência física e emocional. Além disso, a violência também ilustra a subordinação da mulher dentro da relação, um ponto destacado por Simone de Beauvoir (2013), ao afirmar que as mulheres são historicamente definidas em relação aos homens, sendo suas vidas orientadas em torno das expectativas masculinas.

Evelyn, ao casar-se com Don Adler, estava em busca de segurança e status, especialmente no mundo competitivo de Hollywood, na qual o casamento com uma figura masculina bem-sucedida poderia garantir uma posição privilegiada na indústria cinematográfica. No entanto, esse casamento, que inicialmente foi motivado para garantir sua ascensão profissional, rapidamente se transformou em um espaço de controle e subordinação, onde as expectativas de Don em relação a ela se alinhavam com as normas patriarcais da época. Evelyn, ao ser confrontada com a pressão para abandonar sua carreira e focar na maternidade, se vê novamente inserida nas limitações impostas por uma sociedade que define o valor das mulheres a partir de seu papel como esposas e mães.

Essas expectativas de que a mulher deve renunciar a sua independência e aspirações para cumprir o papel tradicional de esposa e mãe é um reflexo claro de que Simone de Beauvoir (2013) descreve como a “feminilidade como destino”, na qual as mulheres são condicionadas a entender sua identidade e valor por meio da relação com o marido e os filhos. O tapa que Evelyn recebe de Don é, assim, uma expressão dessa tentativa de reafirmar o controle masculino sobre o corpo e as escolhas da mulher. Apesar do amor que Evelyn eventualmente desenvolve por Don, a agressão física e a imposição de expectativas de gênero tradicionais refletem a luta de poder que define muitas relações patriarcais (hooks, 2004; MacKinnon, 1989).

Diante disso, o casamento de Evelyn com Don Adler pode ser compreendido como uma negociação dolorosa entre suas ambições pessoais e as expectativas sociais. Evelyn, que inicialmente usou o casamento como uma ferramenta para alcançar status em Hollywood, acaba sendo forçada a se submeter às normas patriarcais que restringem sua liberdade. A agressão física e a submissão forçada à maternidade refletem não apenas a dominação de Don, mas também as estruturas de poder mais ampla que moldam as relações de gênero e a identidade das mulheres, como discutido por autores como hooks (2004), Butler (2015) e de Beauvoir

(2013). Por fim, esse casamento foi motivado por sua busca por ascensão em Hollywood, já que a união com um ator influente garanti maior visibilidade e oportunidades estratégicas para sua carreira. Entretanto, dentro de um sistema patriarcal, era esperado que Evelyn desempenhasse o papel de esposa submissa, abandonando sua profissão para se dedicar ao marido e à maternidade. Essas pressões refletem o controle exercido pelo patriarcado sobre as escolhas femininas, consolidando a ideia de que o valor da mulher estava, nesse sentido, diretamente ligado à sua conformidade com os papéis de gênero.

2.3.3 Gullible Mick Riva¹²

O casamento com Mick vem logo após ela terminar o casamento com Don, mas se dá por um impulso de Evelyn que se ver sem saída após ser flagrada em um barzinho segurando a mão de uma mulher – Celia St. James, e isso poderia causar um escarcéu por Hollywood inteira. Apesar de estar apaixonada pela mulher, Evelyn não renunciaria a sua carreira de nenhuma maneira. Em consequência disso, a única saída que ela encontra é criar um rumor e abafar as notícias sobre ela e Celia. O famoso cantor Mick Riva seria o escolhido. Evelyn já ouvira boatos que Riva tinha uma queda por ela, então ela une as duas coisas e acha uma solução. Evelyn possui um objetivo claro – fazer com que Mick acredite que ela está apaixonada por ele, mas sua integridade a impede de avançar sem um compromisso sério. Assim sendo Mick se vê levado a acreditar que o único caminho para consolidar o relacionamento é por meio do matrimônio. Dessa forma Evelyn adota essa estratégia para transformar o desejo dele em um acordo mutuamente vantajoso, garantindo segurança e estabilidade em um mundo no qual ela precisa constantemente proteger sua posição.

You recognize that everyone is playing everyone else. It's only fair that he's playing you at the same time as you're playing him. [...] You must tell him, in a voice that makes it clear you assumed he already knew, that you don't have sex outside of marriage. You must seem both steadfast and heartbroken about this. He must think, *She wants me. And the only way we can make it happen is to get married* (Reid, 2017, p. 175)¹³

¹²Ingênuo Mick Riva (tradução nossa); aqui utilizaremos, inspirado na narrativa de Evelyn Hugo, o modo no qual ela se refere ao marido desta análise.

¹³Você reconhece que todos estão brincando com todos os outros. É justo que ele esteja brincando com você ao mesmo tempo em que você está brincando com ele. [...] Você deve dizer a ele, em uma voz que deixe claro que você assumiu que ele já sabia, que você não faz sexo fora do casamento. Você deve parecer firme e de coração partido sobre isso. Ele deve pensar: Ela me quer. E a única maneira de fazermos isso acontecer é nos casarmos (Reid, 2017, p. 175, tradução nossa)

O diálogo interno de Evelyn no excerto demonstra como ela navega nas expectativas sociais que circundam o casamento. Para Evelyn, o casamento com Mick Riva é um meio de atender a uma necessidade específica, usando as regras do patriarcado contra ele mesmo. Essa abordagem ressoa com as discussões de Butler (2021), que argumenta que os papéis de gênero são performativos e que sua repetição pode ser manipulada para desestabilizar as normas que o sustenta. Evelyn, ao assumir o papel de mulher “virtuosa” que só consuma relações dentro de um casamento, utiliza essa performance de gênero como uma estratégia para atingir seu objetivo.

Além disso, o excerto ilustra como a atriz utiliza a noção de feminilidade idealizada – mulher precisa ser “resgatada” ou “protegida” pelo casamento – para criar uma dinâmica que coloca Mick em uma posição de poder ilusório. Essa estratégia reflete o que Beauvoir (2013) aponta que as mulheres muitas vezes se conformam, ou aparentam se conformar, aos papéis que são impostos a elas. Com isso, é importante destacar como as mulheres são frequentemente condicionadas a buscar aprovação e validação por meio de papéis tradicionalmente femininos, como esposa ou musa (Wolf, 2018). Isso nos remete o que Beauvoir (2013) argumenta, sobre como a mulher é socialmente moldada para ser “o outro”, uma posição, nesse sentido, que Evelyn manipula estrategicamente para seus próprios interesses. No entanto, mesmo que essa manipulação de Evelyn surja como uma agência, ela ainda assim permanece imersa nas expectativas de um sistema que a coage a adotar essas estratégias. Isto porque, embora ela demonstre capacidade de manipular normas de gênero para seus fins próprios, é possível enxergar que suas escolhas são moldadas por uma sociedade patriarcal, sobre isso MacKinnon (1989) argumenta que mesmo as mulheres que aparentam ter poder dentro de relações heterossexuais estão frequentemente operando dentro de um sistema que perpetua sua subjugação estrutural.

Essa dinâmica é refletida no excerto a seguir, no qual Evelyn é deixada após Mick Riva conseguir o que quer dela, uma vez que o casamento foi arranjado informalmente apenas para tentar mascarar a vida pessoal de Evelyn, motivo no qual o cantor desconhecia. Nesse sentido, Mick pede a anulação do casamento.

“I think we should call our people, baby. I think we should get an annulment.” [...] You wonder what it must be like to be a man, to be so confident that the final say is yours (Reid, 2017, p. 180).¹⁴

¹⁴ “Eu acho que devíamos ligar para os nossos advogados, querida. Acho que deveríamos conseguir uma anulação.” [...] Você se pergunta como deve ser ser um homem, ter tanta confiança de que a palavra final é sempre sua. (Reid, 2017, p. 180, tradução nossa).

Quando Evelyn expressou: “você se pergunta como deve ser ser um homem, ter tanta confiança de que a palavra final é sua?”, ela revelou sua insatisfação com essa desigualdade de poder. Ela percebe que sendo mulher suas visões e vontades são frequentemente desconsideradas ou subjugadas pela daqueles homens com quem se relacionam. A postura do marido em discussão revelou não apenas uma crítica específica a ele próprio e suas atitudes individualmente consideradas mas também uma reprovação mais geral à organização patriarcal que Hollywood representa, pois sua confiança inabalável em sua decisão refletem a perpetuação da ideia de que o homem é o sujeito ativo e soberano nas relações conjugais; nesse sistema social os homens detêm o poder tanto em contextos públicos quanto privados, Silvia Federici (2021) afirma que casamento na história ocidental foi instrumentalizado para consolidar o controle masculino sobre o corpo e o trabalho das mulheres, particularmente nas esferas econômica e reprodutiva.

Raewyn Connell (2005) descreve como os homens internalizam e exercem seu poder social, frequentemente assumindo que sua perspectiva e suas decisões prevalecem como a norma. No contexto do excerto, Mick incorpora esse privilégio ao agir com a certeza de que seu desejo será automaticamente aceito, sem considerar a opinião de Evelyn. Nancy Fraser (1997) destaca como as estruturas sociais silenciam vozes femininas em espaços de decisão, a professora argumenta que a desvalorização das contribuições das mulheres, nesse sentido, na esfera privada reflete um desequilíbrio de poder que propaga as interações de gênero. Mick, ao ignorar Evelyn como uma parceira igual, reproduz essa hierarquia, reafirmando o papel subalterno atribuído às mulheres.

Análogo ao excerto no qual Evelyn planeja o casamento com Mick, a atriz usa a união para mascarar suas relações pessoais, mas a anulação proposta pelo cantor ressalta como o controle, que, inicialmente, parecia ser dela, é algo superficial. Isto porque ele possui a última palavra, refletindo a estrutura patriarcal na qual a mulher pode agir, mas sempre dentro das margens estabelecidas pelo homem. Esse ponto é enriquecido por hooks (2004) no qual ela explora como a socialização masculina no sistema valoriza o poder e o controle.

O casamento com Mick Riva foi motivado pela necessidade estratégica de Evelyn esconder sua vida pessoal dos holofotes de Hollywood, em uma época na qual a imagem pública era crucial para o sucesso de uma atriz, ainda mais se ela tivesse uma aliança com uma figura conhecida do entretenimento. Entretanto, as expectativas sociais de uma sociedade patriarcal reforçavam a ideia de que o casamento era o ápice da realização feminina. Nesse cerne, a dissolução desse casamento reflete o desequilíbrio de poder que permeia essa relação. Mick, ao

agir unilateralmente, reafirma sua posição como detentor do poder, enquanto Evelyn é relegada a um papel secundário, sem voz ativa. Essa dinâmica não apenas contextualiza a motivação por trás do casamento, mas também expõe as limitações impostas pelo patriarcado às tentativas de Evelyn de exercer controle sobre sua vida.

2.3.4 Clever Rex North¹⁵

O casamento com Rex North mostra Evelyn andando sob as expectativas do patriarcado, mesmo que implicitamente, naquela época, uma mulher teria credibilidade e respeito se tivesse um marido, no que se assemelha ao seu casamento com Mick Riva, ela se casou para provar ao público que ela poderia ascender mais ainda na carreira se tivesse um marido.

Dessa forma, o casamento de Evelyn e Rex é mais uma estratégia da protagonista para ascender mais ainda em Hollywood e agradar seu público, junto de Harry Cameron, cineasta e seu amigo, eles arquitetam como vai ser o casório numa tentativa se ambos se promoverem em Hollywood.

“When should we tie the knot?” he asked. “I think we should probably be seen around town a few times this coming week. And keep it going for a little while. Maybe put a ring on my finger around November. Harry suggested the big day could be about two weeks before the film hits theaters” (Reid, 2017, p. 199-200).¹⁶

Apesar de ser apenas mais uma estratégia planejada por Evelyn, o casamento não é encarado como um comprometimento emocional; é visto como uma jogada de marketing meticulosamente elaborada por ela protagonista. Evelyn compreende perfeitamente o funcionamento do sistema e não hesita em manipular sua narrativa pessoal para atingir seus objetivos profissionais. Isso demonstra sua habilidade em usar as expectativas do público em seu favor com astúcia.

Esse casamento é principalmente caracterizado por sua funcionalidade comercial e a falta de comprometimento emocional. Evelyn deixa explícito que o relacionamento é uma construção social calculada, pensada para maximizar o retorno financeiro e fortalecer sua posição como estrela em ascensão. No entanto, a necessidade de associar seu sucesso a um marido aponta para as expectativas sociais de uma sociedade patriarcal que desvaloriza a

¹⁵Esperito Rex North (tradução nossa); aqui utilizaremos, inspirado na narrativa de Evelyn Hugo, o modo no qual ela se refere ao marido desta análise.

¹⁶“Quando devemos nos casar?” ele perguntou. “Acho que deveríamos ser vistos pela cidade algumas vezes na próxima semana. E continuar com isso por um tempo. Talvez colocar um anel no meu dedo por volta de novembro. Harry sugeriu que o grande dia fosse umas duas semanas antes do filme estreiar nos cinemas” (Reid, 2017, p. 199-200, tradução nossa).

autonomia feminina, exigindo que as mulheres estejam ligadas a figuras masculinas para legitimar sua ascensão. Evelyn se casa com Rex para consolidar sua imagem pública e assegurar o sucesso de seus filmes. Esse arranjo é revelador na indústria cinematográfica na época, que dependia de narrativas idealizadas de romance para atrair o público, principalmente no papel da mulher, nesse cerne, de vista como instrumento feito para o olhar masculino (Mulvey, 1965). No caso de Evelyn, ter um marido não só a torna mais “aceitável” para o público, mas também reforça sua imagem como alguém “controlável” dentro de uma sociedade que teme mulheres independentes.

Além disso, o casamento como ferramenta de manipulação é emblemático da ideia de “contratos sexuais” (Pateman, 2016), para a autora o casamento serve como um contrato social que subordina as mulheres e define seus papéis em relação aos homens. Evelyn subverte parcialmente essa estrutura ao usar o casamento como meio de conquistar sua autonomia financeira, mas ao mesmo tempo ela deve se conformar às expectativas sociais que validam sua carreira apenas quando medida por um relacionamento heterossexual.

A sociedade patriarcal da época esperava que Evelyn desempenhasse o papel de esposa exemplar para reforçar as narrativas de moralidade que o cinema buscava projetar. Beauvoir (2013) destaca que a associação do sucesso feminino ao casamento é emblemática das normas de gênero que vinculam a realização das mulheres a seus relacionamentos, ou seja, as mulheres são condicionadas a buscar significado e valor social por meio dos homens. À luz dos estudos de Butler (2021) sobre performance, o casamento com Rex é uma maneira que Evelyn encontra para obter sucesso, e se comportar da forma que a sociedade espera de uma mulher. No entanto, a necessidade de se casar para atingir esses objetivos reflete a realidade de um sistema que desvaloriza mulheres independentes e exigia que o sucesso feminino fosse mediado por figuras masculinas. Ao mesmo tempo de que o casamento permitiu a Evelyn consolidar sua posição, ele também evidencia os limites de sua agência dentro de uma sociedade que esperava dela uma submissão às normas de gênero.

2.3.5 Brilliant, Kindhearted, Tortured Harry Cameron¹⁷

O casamento de Evelyn com Harry Cameron é um relacionamento na qual a protagonista encontra conforto, haja vista todos os seus outros casamentos complicados. Embora Evelyn se

¹⁷Brilhante, bondoso e torturado Harry Cameron (tradução nossa); aqui utilizaremos, inspirado na narrativa de Evelyn Hugo, o modo no qual ela se refere ao marido desta análise.

encontrasse em um local mais cômodo em comparação a sua trajetória, ainda assim ela vivia debaixo do que a sociedade da época estava esperando de uma mulher – performar como tal. Desde o seu divórcio com Don Adler, época em que conheceu Celia, Evelyn nunca deixou de amá-la. Dito isso, esse casamento tem como principal motivo esconder o relacionamento de Evelyn e Celia, e Harry e John. A atriz descreve como o casamento fugia de todas as nuances de um relacionamento heterossexual, mas que deveria seguir a heteronormatividade em detrimento de sua carreira em uma Hollywood machista e, nesse cerne, homofóbica.

Celia and I spent our nights together in this apartment. Harry spent his nights with John at their place. We went out to dinner in public, the four of us looking like two pairs of heterosexuals, without a heterosexual in the bunch. The tabloids called us “America’s Favorite Double-Daters.” I even heard rumors that the four of us were swingers, which wasn’t that crazy for that period of time. It really makes you think, doesn’t it? That people were so eager to believe we were swapping spouses but would have been scandalized to know we were monogamous and queer? (Reid, 2017, p. 234)¹⁸

O casamento com Harry não só desempenha esse papel, como protege o produtor e seus relacionamentos pessoais em detrimento de sua carreira em Hollywood. Nessa esteira, Harry e Evelyn se encontraram em um meio termo, ou seja, o casamento beneficiava os dois, haja vista o pertencimento deles a comunidade queer. Isso nos remete ao pensamento de Judith Butler (2021) na qual a autora argumenta que as identidades de gênero e sexualidade são performativas e socialmente construídas, ou seja, o que entendemos como “heterossexual” ou “queer” é o resultado de atos repetidos que são aceitos ou rejeitados pela sociedade. Isto porque era e ainda é exigido das mulheres que se casem com homens para serem socialmente aceitáveis, na época (Barbar, 2019). Diante disso, o casamento de Evelyn com o melhor amigo revela a constante luta agora contra as expectativas heteronormativas, luta essa que obriga Evelyn a se submeter a uma série de convenções sociais que são tanto restritivas quanto necessárias para a sua sobrevivência no contexto Hollywoodiano. O casamento heterossexual nesse contexto da vida de Evelyn não reflete quem ela é de fato, mas sim uma performance que ela precisa cumprir para ser aceita na sociedade e manter sua posição no mundo do cinema. A fachada desse casamento serve para mascarar a identidade de Evelyn. Como Rich (2007) discute, a heterossexualidade compulsória é uma norma que pressiona as mulheres a conformarem suas

¹⁸Celia e eu passávamos as noites juntas neste apartamento. Harry passava as noites com John na casa deles. Saímos para jantar em público, nós quatro parecendo dois pares de heterossexuais, sem um heterossexual no grupo. Os tabloides nos chamavam de “os casais favoritos da América”. Até ouvi rumores de que nós quatro éramos swingers, o que não era tão louco para aquela época. Isso realmente faz você pensar, não é? Que as pessoas estavam tão ansiosas para acreditar que estávamos trocando de cônjuges, mas ficariam escandalizadas ao saber que éramos monogâmicos e queer? (Reid, 2017, p. 234, tradução nossa)

vidas dentro de relacionamentos heteronormativos, muitas vezes, apagando ou invisibilizando suas verdadeiras orientações sexuais.

Esse excerto deixa exposta a hipocrisia e os valores deturpados da sociedade da época. Uma vez que a aceitação pública de um comportamento que parecia libertino, como o *swinging*, era menos ameaçadora do que a verdade de que pessoas queer existiam e se amavam genuinamente. Acerca disso Jonathan Ned Katz (2014) discute que o casamento heterossexual tem sido historicamente utilizado como um meio de legitimar relações, status social e até mesmo a sexualidade em sociedades heteronormativas, pois heterossexualidade foi institucionalizada no século XIX, particularmente no contexto ocidental, como a norma sexual dominante e reguladora das identidades sociais e políticas.

O casamento de Evelyn e Harry é, sobretudo, construído na necessidade de atender às expectativas sociais que viam o casamento heterossexual como uma medida de respeitabilidade e sucesso. Esse contexto é exemplificado pela percepção pública de Evelyn e Harry, em conjunto com seus respectivos amantes, como “America’s favorite double-daters”, destacando quanto o público aceitava narrativas heteronormativas, mas escandalizava qualquer desvio da norma. Outro ponto nesse casamento é a necessidade de ocultação da sexualidade, na mesma esteira do pensamento de Rich (2007), Michel Foucault (1976) discute como o discurso sobre a sexualidade foi historicamente regulamentado, especialmente para reforçar a heterossexualidade como norma. A escolha de Evelyn e Harry de viver suas vidas reais em segredo demonstra como a pressão social forçou pessoas queer a negociarem suas liberdades por segurança e aceitação.

Nesse cerne, o casamento entre Evelyn e Harry não se alinha às ideias tradicionais de amor ou parceria conjugal. É, antes, um reflexo das limitações imposta pela sociedade patriarcal e heteronormativa, que marginalizava a diversidade sexual e exigia conformidade às normas de gênero e sexualidade. Com isso, a motivação para o casamento está profundamente enraizada na sobrevivência dentro desse sistema, enquanto a expectativa social reforçava o valor das aparências e da performance heteronormativa (Butler, 2021). Essa análise evidencia como as escolhas de Evelyn, embora estratégicas e subversivas, foram moldadas por uma sociedade que restringia sua autonomia e liberdade de viver sua identidade e seus desejos.

Evelyn e Harry, ao se unirem em um casamento de conveniência, expõem a opressão das normas sociais, uma vez que ser queer e estar em um relacionamento com uma mulher tangia do que a sociedade esperava de Evelyn na época. Dentro dessa perspectiva, as expectativas sociais nesse casamento são moldadas por um sistema patriarcal que exige

conformidade com os papéis tradicionais de gênero (Butler, 2021), especialmente para mulheres no cenário público e profissional. Evelyn não só precisa manter uma imagem de esposa, mas também sustentar uma fachada de heterossexualidade, que garante a ela uma forma de aceitação que, sem isso, poderia ser impossível.

2.3.6 Disappointing Max Girard¹⁹

Evelyn relembra o seu casamento com Max Girard e como ela nutria a esperança de que essa união fosse especial; ela imaginava que Max a via como sua companheira para toda a vida, alguém por quem ele realmente se apaixonaria. Contudo sua perspectiva começa a mudar após um comentário feito por Max durante uma viagem; ele sugeriu que os passageiros estavam mais interessados em poder dizer aos outros que compartilharam um voo com a famosa Evelyn Hugo do que em qualquer outra coisa.

It took me about four months to realize that Max had no intention of even *trying* to love me, that he was only capable of loving the *idea* of me. And then, after that, it seems so silly to say it, but I didn't want to leave him, because I didn't want to get divorced (Reid, 2017, p. 298).²⁰

O ponto de virada de Evelyn foi perceber que, por mais que desejasse um relacionamento real, Max não conseguia vê-la além da imagem que o mundo conhecia dela. Ele não quer conhecer e amar uma mulher de verdade, mas sim ter uma imagem, um troféu na qual Evelyn representa. Mesmo percebendo isso, Evelyn estava relutante em deixá-lo ir. Ele admite, de forma quase autodepreciativa, que não quer outro divórcio. Gillian Parker (2022) discute como o divórcio historicamente carrega um peso social e cultural maior para as mulheres, para uma mulher que já esteve em vários casamentos, a ideia de outro divórcio pode parecer um fracasso – um sinal de que ela não consegue ter um relacionamento duradouro.

Este excerto mostra como Evelyn, apesar de sua força e independência, ainda luta contra as pressões sociais e a luta interior de querer ser amada e manter um relacionamento que não está no seu devido lugar. Mostra, assim, que mesmo uma mulher forte como Evelyn ainda se sente presa e esperando o que significa “vencer” em sua vida pessoal, isto outra ideia internalizada advinda do patriarcado, Cartaxo (2021), citando Foucault (1988), aponta que a construção da sexualidade e os papéis de gênero são moldados pela cultura.

¹⁹Decepcionante Max Girard (tradução nossa); aqui utilizaremos, inspirado na narrativa de Evelyn Hugo, o modo no qual ela se refere ao marido desta análise.

²⁰Demorei cerca de quatro meses para perceber que Max não tinha a menor intenção de sequer tentar me amar, que ele só era capaz de amar a ideia de mim. E então, depois disso, parece até bobo dizer, mas eu não queria deixá-lo, porque eu não queria me divorciar (Reid, 2017, p. 298, tradução nossa).

Isso significa que a forma como a mulher se enxerga e é vista hoje resultado de um processo histórico contínuo, no qual as concepções tradicionais sobre o feminino ainda exercem influência. Dessa forma, esse fracasso representa a falsa ideia de que ela teria uma conquista memorável em sua vida se seu casamento fosse bem-sucedido, no entanto, não é isso que acontece e o sentimento que fica é de frustração por parte de Evelyn. Embora, talvez, ela quisesse que casamento funcionasse mas a ideia de que um casamento arruinado significava que a mulher estava amaldiçoada e então a culpa do relacionamento não funcionar era dela.

A expectativa de que o casamento de Evelyn com Max seja baseado também em uma aparência de felicidade e sucesso também reflete nas pressões sociais que as mulheres enfrentam para performar um papel tradicional de esposa, o que nos remete ao pensamento de Butler (2021). Max, ao vê-la como um troféu e não como um ser humano com emoções e necessidades próprias, simboliza a imposição social de que as mulheres devem se conformar a papéis subordinados dentro do casamento, sendo reconhecidas apenas por atender às expectativas externas e não por sua verdadeira identidade ou desejos, como discute Barker (2018). À luz dos estudos de Beauvoir (2013), ao argumentar que as mulheres foram historicamente definidas em relação aos homens e suas realizações, a mulher é socialmente construída para ser o “objeto” no casamento e em muitas relações, enquanto o homem é o sujeito ativo. Isso reflete na dinâmica do casamento de Evelyn com Max, na qual ela é desprovida de uma identidade autêntica, sendo reduzida ao status de troféu.

Conforme os pensamentos de hooks (2004) e Chambers (2012), as relações patriarcais são baseadas em uma dinâmica de poder nas quais o amor romântico é frequentemente usado como uma ferramenta de controle. Nessa esteira, a esperança de Evelyn encontrar amor verdadeiro no casamento com Max se choca com a realidade de que o amor é condicionado pela exploração de sua imagem. Assim, mesmo que Evelyn tente romper com as expectativas tradicionais de casamentos, ela se vê mais uma vez presa numa dinâmica na qual sua autonomia é negada e ela é reduzida a um papel passivo.

O casamento de Evelyn e Max reflete a pressão social sobre as mulheres para que elas atendam a padrões estéticos e sociais impostos pela sociedade patriarcal. A motivação de Evelyn, em primeira instância, em casar-se com ele com a esperança de que a relação evoluísse para algo mais significativo, é frustrada pela realidade de uma união superficial e exploratória, na qual ela é tratada como um objeto para o homem. A expectativa social que Evelyn enfrenta nesse casamento é clara: ela deve manter uma imagem de felicidade e sucesso cumprindo o papel de esposa ideal, que complementa a imagem pública do marido, como afirma Brook (2002). Isso reflete a contínua opressão das mulheres, na qual a identidade e a agência feminina são sacrificadas em nome de uma convenção social que privilegia o status masculino.

3.2.7 Agreeable Robert Jamison²¹

O casamento de Evelyn Hugo e Robert Jamison, irmão de Celia, é uma aliança estratégica que a permite manter seu relacionamento secreto com a irmã de seu marido, sua grande paixão, agora entrando para a fase idosa. Esse casamento, assim como o com Harry Cameron, é fundamentado não no amor romântico, mas na necessidade de Evelyn proteger sua bissexualidade em um ambiente que não admite homossexualidade, especialmente em uma época em que a heteronormatividade era uma expectativa social fundamental.

Robert always claimed that he married me because he would do anything for Celia. But I think he did it, in at least some small part, because it gave him a chance to have a family. He was never going to settle down with one woman. And Spanish women proved to be just as enchanted by him as American ones had been. But this system, this family, was one he could be a part of, and I think he knew that when he signed up. (Reid, 2017, p. 344)²²

O casamento de Evelyn e Robert reflete o controle social sobre a sexualidade das mulheres e a impossibilidade de uma mulher queer viver, naquela época, abertamente, sem sacrificar sua carreira e imagem pública. O excerto em questão destaca a dinâmica complexa desse casamento, especialmente no que diz respeito às motivações subjacentes ao casamento deles. Quando Robert diz a Evelyn que ele se casou com ela para agradar Celia, esconde uma motivação mais pessoal e pragmática: o desejo de ter uma família, um “sistema” no qual ele pudesse se inserir, assim podemos interpretar pelo que Evelyn infere. Embora o casamento tenha sido usado pela atriz para manter seu relacionamento com Celia em segredo, Robert também aproveita essa união como uma maneira de atender a suas próprias necessidades emocionais e sociais, o que reflete o pensamento de Brook (2002) sobre o casamento ser feito para homens e com interesses dos homens, dessa forma, ele acaba por ganhar um status dentro da sociedade como homem que detém pleno poder sobre uma mulher uma vez que tem uma esposa.

Podemos estabelecer, também, uma analogia entre o casamento de Evelyn com Robert e o casamento com Harry Cameron. Com o cineasta, o casamento é uma fachada pública que permite a Evelyn esconder sua verdadeira sexualidade, enquanto com o irmão de Celia, o

²¹ Agradável Robert Jamison (tradução nossa); aqui utilizaremos, inspirado na narrativa de Evelyn Hugo, o modo no qual ela se refere ao marido desta análise.

²² Robert sempre alegou que se casou comigo porque faria qualquer coisa por Celia. Mas acho que ele fez isso, pelo menos em pequena parte, porque isso lhe deu a chance de ter uma família. Ele nunca iria se estabelecer com uma mulher. E as mulheres espanholas provaram ser tão encantadas por ele quanto as americanas tinham sido. Mas esse sistema, essa família, era algo do qual ele poderia fazer parte, e acho que ele sabia disso quando se alistou. (Reid, 2017, p. 344, tradução nossa)

casamento é um meio de garantir uma aparência de heterossexualidade e respeitar as normas sociais vigentes, permitindo-lhe viver seu relacionamento com Celia sem ser alvo de escândalo. Vito Russo (1987) detalha como muitas vezes a indústria cinematográfica, nesse sentido, forçou os atores a terem relacionamentos heterossexuais como parte da imagem pública, mascarando assim qualquer tipo de relacionamento homoafetivo. Isso evidencia a quão restritiva e preconceituosa era a visão sobre sexualidade e relacionamentos, e como Evelyn e os outros precisaram manipular essas expectativas para preservar suas carreiras e amores. Embora nessa parte da narrativa de Evelyn destaque a homofobia na época, esse problema ainda é muito pertinente na sociedade atualmente e não tange as circunstâncias na qual esses dois casamentos existiram, apesar da comunidade queer ter lutado e conseguido direitos por uma vida mais digna.

O casamento com Robert, portanto, se torna um dispositivo para manter a ordem social e o status quo, mascarando as identidades queer em um ambiente onde qualquer desvio da heteronormatividade seria insustentável. O casamento também reflete a crítica de Carol Gilligan (1982), que propõe que as mulheres, ao longo de sua socialização, são ensinadas a se colocar em segundo plano em relação aos desejos e necessidades do homem. Nesse sentido, Evelyn, ao casar-se com Robert, coloca novamente seus próprios desejos de lado, colocando em primeiro lugar as necessidades sociais e o desejo de manter uma aparência pública aceitável. A atriz segue o pensamento de Melo (2002) sobre ter que viver sob um matrimônio heteronormativo e com um modelo de família tradicional, seguindo as normas patriarcais; essa expectativa social é culminada pela motivação de viver seu amor com Celia, e proteger sua identidade e reputação em um contexto da repressão à homossexualidade.

Os casamentos de Evelyn Hugo refletem uma constante tensão entre suas motivações pessoais e as expectativas sociais de uma sociedade patriarcal. Cada união foi marcada por razões estratégicas ou emocionais, como liberdade, ascensão profissional, proteção de sua sexualidade ou busca de amor, enquanto as normas sociais exigiam dela o cumprimento de papéis femininos tradicionais, como esposa, mãe ou símbolo de status masculino. Os casamentos de Evelyn são, dessa forma, mascarados por uma motivação, que apesar de partir dela, eram sempre manipuladas pelo sistema patriarcal, fazendo ela sempre agir de acordo com a norma desse sistema. Resumindo, Evelyn não tem completa autonomia sobre suas escolhas, haja vista a sociedade que sempre a empurrava encontro de uma imensidão de normas sexistas no contexto no qual ela estava inserida.

ATÉ QUE A MORTE NOS SEPARE?

considerações finais que marcam novos inícios

O casamento, no cerne dos Estudos Feminista, é uma instituição social que reflete e reproduz as dinâmicas de poder do patriarcado. Para além de sua dimensão romântica e privada, o casamento é entendido como uma estrutura reguladora que molda papéis de gênero, limita a autonomia feminina e organiza economicamente as relações sociais, apesar de sua formatação atualmente presar pela igualdade dentro dessa instituição. Vale ressaltar que muitas relações conjugais se alinham a esse novo formato, mas outras não.

A nova forma de ver o casamento atualmente é uma consequência dos Estudos Feministas, no qual passaram a desafiar a visão tradicional de casamento que era perpetuar a desigualdade de gênero e reforçar as expectativas sociais limitadoras. Portanto, é importante destacar que o feminismo contemporâneo propõe uma análise que permita repensar o casamento como uma escolha individual e não como uma imposição social. Dessa forma, tornando as uniões conjugais mais equitativas, na qual o amor e o compromisso não sejam ofuscados por dinâmicas de poder desiguais, resultando em um espaço de resignificação e resistência, deixando de ser apenas uma reprodução de normais patriarcais.

A fim de mostrar como o casamento, e suas motivações, estava sempre atrelado a uma expectativa social, elegemos como objeto literários *The seven husbands of Evelyn Hugo*. Na narrativa Evelyn, apesar de parecer uma mulher autônoma e de uma agência feminina invejável, esteve à mercê das normas patriarcais da sua época, isto porque mesmo que cada um de seus casamentos mascaram seus interesses pessoais em nenhum deles ela pode dizer que suas escolhas eram propriamente suas, uma vez que as expectativas sociais a forçavam a ser – bela, recatada e do lar.

Assim sendo, almejamos responder, por meio dessa monografia, a seguinte pergunta: Como os sete casamentos vivenciados por Evelyn Hugo, narrados em *The seven husbands of Evelyn Hugo* (2017), refletem as motivações e as expectativas sociais acerca do casamento, à luz dos Estudos Feministas? Para responder tal questionamento, foi definido o seguinte objetivo geral: investigar como os sete casamentos vivenciados por Evelyn Hugo, narrados em *The seven husbands of Evelyn Hugo* (2017), refletem as motivações e as expectativas sociais acerca do casamento, à luz dos Estudos Feministas. Com o intuito de alcançá-lo, os seguintes objetivos específicos foram estabelecidos: (i) discutir os pressupostos teóricos dos Estudos Feministas, com ênfase no conceito de casamento; (ii) analisar a motivação para cada um dos sete

casamentos de Evelyn Hugo; e (iii) refletir sobre a relação entre as expectativas sociais e os sete casamentos de Evelyn Hugo.

As análises revelam que, embora os casamentos sejam instrumentalizados como ferramenta de ascensão social, construção de imagem, realização de desejos individuais e proteção, ao mesmo tempo essas escolhas refletem as pressões e limitações impostas as mulheres dentro de uma sociedade patriarcal, na qual a autonomia feminina é sempre negociada. Para que essa investigação fosse feita apontamos, primeiramente, a motivação por trás de cada casamente e, secundamente, as expectativas sociais imprimidas nos contexto. Destacando, assim, as dinâmicas distintas das uniões conjugais de Evelyn, mas também os papéis que a sociedade atribui às mulheres dentro da instituição do casamento.

O casamento de Evelyn com Ernie Diaz foi motivado por uma estratégia de sobrevivência e ascensão social, destacando a ausência de opções para mulheres em sua posição na época. Com isso, decisão de Evelyn não foi guiada por amor ou convenções românticas, mas pela necessidade de escapar de uma realidade marcada pela pobreza e violência. A transação, que envolvia sua virgindade em troca de uma oportunidade para chegar em Hollywood, reflete o contexto patriarcal da época na qual o casamento funcionava como uma transição de poder sobre a mulher, do pai para o marido.

Além disso, a relação entre Evelyn e Ernie também evidencia as expectativas sociais sobre o papel da mulher casamento. Nesse contexto, mesmo depois de alcançar alguma dependência financeira, Evelyn precisava pedir permissão a Ernie para gastar seu próprio dinheiro, exemplificando o controle masculino sobre as decisões feminina. Para facilitar essa negociação ela assumiu deliberadamente a performance de uma “boa esposa” submissa, uma vez que a mulher deveria ser vista como inofensiva e subordinada ao homem, reforçando a desigualdade estrutural dentro das relações conjugais.

O casamento com Don Adler começa com a expectativa de um “final feliz”, mas logo revela as expectativas patriarcais presentes em seu relacionamento. Nesse casamento, Evelyn se casa por amor, mas logo percebe que Don não a tratava como uma parceira igual, mas como uma subalterna. O comportamento autoritário de Don marca o início da deteriorização do casamento, que se agrava com a imposição das expectativas tradicionais de gênero.

Ao tentar forçar Evelyn a abandonar sua carreira e se dedicar à família, reflete a ideologia da domesticidade, na qual a mulher é vista como responsável pelo lar e pelos filhos, enquanto o homem deve ser o provedor. A violência física que Evelyn sofre de Don quando se recusa a deixar a carreira e ser mãe, é um dos mecanismos de controle para subjugar Evelyn e

reafirmar seu poder como homem. Esse abuso, por sua vez, reflete o ciclo de violência que muitas mulheres enfrentavam, como forma de manter sua submissão. Esse casamento de Evelyn, assim como o de muitas mulheres, começou por amor e se revelou como uma prisão, refletindo as expectativas e limitações impostas as mulheres.

Os casamentos de Evelyn com Mick Riva e Rex North são duas estratégias de proteger sua imagem e carreira em Hollywood após ser flagrada com Celia St. James. Evelyn se aproveita dos dois casamentos para evitar escândalos e promover sua carreira em detrimento de sua sexualidade, principalmente. Embora Evelyn manipule os dois casamentos em seu benefício, eles ainda assim, refletem as pressões do patriarcado sobre as mulheres, que devem se conformar com o que a sociedade espera delas. Com isso, Evelyn, mesmo astuta, acaba se sujeitando às normas que regem a imagem da mulher casada e bem-sucedida, espelhando as limitações impostas pela sociedade da época.

O casamento de Evelyn e Max Girard, por outro lado, é o espelho da objetificação feminina, pois Hugo percebe que ele a vê como um troféu e não como uma pessoa a ser amada, no entanto, mesmo sabendo disso ela hesita em deixá-lo, apreensiva em enfrentar outro divórcio.

Esse conflito interno de Evelyn reflete a pressão social que ela sente em relação ao divórcio, especialmente como uma mulher que já passou por outras separações. Nesse sentido, a ideia do fracasso do relacionamento é ainda mais pesada para mulheres, que carregam o fardo de serem continuamente julgadas por suas vidas afetivas e matrimoniais. A luta de Evelyn revela como, apesar de sua independência e sucesso, ela ainda está sujeita à expectativa que as molda as mulheres a acreditarem que a validade de suas vidas está atrelada ao sucesso de seus casamentos, alimentando mais ainda a culpa pelo fracasso deles.

Dessa vez Evelyn e Celia resolvem ter um relacionamento durante os casamentos de Evelyn com Harry Cameron e Robert Jamison, no qual têm como principal objetivo ocultar seu relacionamento com Celia, embora Hugo encontre algum conforto nesses casamentos em comparação aos outros, ambos servem como uma fachada para preservar sua posição em Hollywood e atender às expectativas da sociedade heteronormativa. Isto reflete como o casamento heterossexual foi utilizado como uma máscara para que Evelyn continuasse nas normas de uma sociedade patriarcal que, agora, além de reivindicar propriedade, exige a performatividade feminina, o que não faz esses dois fatores não estarem atrelados, além de apontar como as escolhas de Evelyn Hugo nunca eram dela, apesar de seus interesses pessoais, elas estavam sempre mascaradas pelas decisões e normas da sociedade patriarcal.

Diante do exposto, é importante destacar que durante minha busca sobre o conceito de

casamento atrelado aos Estudos Feministas, encontrei pouco material recente que discorrem sobre, pois mesmo que o casamento tenha passado por diversas transformações ainda assim é pertinente vários problemas envolvendo os papéis de gênero em alguns relacionamentos. Grande parte do material disponível concentra-se em discussões mais amplas sobre gênero e poder, sem um foco específico no casamento enquanto instituição social. Em detrimento disso, seria importante aprofundar a análise das relações de gênero no contexto de casamentos fictícios ou históricos, explorando outras obras literárias ou figuras históricas que exemplifiquem uma narrativa semelhante à de Evelyn Hugo. Além disso, investigar como o conceito de casamento creceu em narrativas contemporâneas e em diferentes culturas poderia enriquecer o debate sobre o tema nos Estudos Feministas.

Por fim, como pesquisadora²³, este trabalho me proporcionou uma compreensão mais profunda sobre a complexidade das escolhas matrimoniais e sobre como elas podem ser influenciadas por fatores externos, muitas vezes mascarados por narrativas românticas. Refletir sobre os casamentos de Evelyn Hugo à luz dos Estudos Feministas não foi apenas um oportunidade de analisar uma obra literária rica, mas também de questionar estruturas sociais, que mesmo naturalizadas, continuam a moldar profundamente a vida das mulheres. Ao terminar de escrever esse trabalho, tenho um objetivo para além dos traçados para essa pesquisa, causar inquietação em várias outras mulheres, e homens também, para sempre questionar de onde vem as normas que nos deixam amarradas e estagnadas. Que inquiete a ponto de lutar contra um sistema que continua oprimindo várias mulheres, e que às vezes, faz de forma tão mascarada que acaba passando despercebido. Escrevo essas considerações finais com esperanças de novos inícios, pois espero que esse trabalho enriqueça a nossa luta por uma sociedade que nos dignifique o tanto quanto dignifique aos homens, e que seja claro – não é uma luta por superioridade mas por igualdade.

²³ Utilizamos, a partir daqui, um texto em primeira pessoa para expressar as reflexões da pesquisadora.

REFERÊNCIAS

- ARAÚJO, Maria de Fátima. Amor, casamento e sexualidade: velhas e novas configurações. **Psicologia: ciência e profissão**, v. 22, n. 2, p. 70-77, 2002.
- ATKINSON, T. G. **Amazon Odyssey**. New York: Links Books, 1974
- BARBAR, Aniruddha. A Critical Examination of Feminist Discourse Towards Marriage and Women. In: **Genos-Reimagining Gender Roles and Women's Spaces in the North-East India**. Dimapur: Department of Sociology, Tetso College, p. 19-42, 2019.
- BARKER, Nicola. The Evolution of Marriage and Relationship Recognition in Western Jurisdictions. **Journal of Law and Society**, v. 37, n. 1, p. 58-84, 2018.
- BATLIWALA, Srilatha. **The meaning of women's empowerment: New concepts from action**. Gender and Development, v. 2, n. 3, p. 13-24, 1994.
- BEAUVOIR, S. **O Segundo Sexo: fatos e mitos**. Tradução de Sergio Milliet. 3. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2013.
- BITTENCOURT, N. A. Movimentos feministas. **InSURgência: revista de direitos e movimentos sociais**, v. 1, n. 1, p. 198-210, 2015.
- BONNICI, T.; ZOLIN, L. O. (orgs). **Teoria literária: abordagens históricas e tendências contemporâneas**. 3.ed. Maringá: Eduem, 2012.
- BORTONI-RICARDO, S. M. **O professor pesquisador: introdução à pesquisa qualitativa**. São Paulo: Parábola Editorial, 2018.
- BOURDIEU, P. **A dominação masculina**. 8. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2010.
- BROOK, H. Stalemate: Rethinking the politics of marriage. **Feminist Theory**, v. 3, n. 1, p. 45-66, 2002.
- BUNCH, C. **Passionate Politics: Essays 1968–1986: Feminist Theory in Action**. New York: St Martin's Press, 1987.
- BUTLER, J. P. **Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade**. Tradução: Renato Aguiar. 21. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2021.
- BUTLER, Judith. Corps que importam/Bodies that matter. **Sapere Aude**, v. 6, n. 11, p. 12-16, 2015.
- CALDEIRA, G. C. Revolução Francesa e a Declaração dos Direitos do Homem e do Cidadão. **ETIC-ENCONTRO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA-ISSN 21-76-8498**, v. 5, n. 5, 2009

CARTAXO, S. M. **Fatores socioculturais constituintes da violência contra a mulher: um olhar da psicologia analítica**. 2021. 53 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Psicologia) – Pontifícia Universidade Católica do Paraná, Curitiba, 2021.

CHAMBERS, C. **Feminism, liberalism and marriage**. In: Annual Meeting of the American Political Science Association in Washington DC. 2012.

CHOI, P.; BIRD, S. VI. Feminism and Marriage: To be or not to be Mrs B. **Feminism & Psychology**, v. 13, n. 4, p. 448-453, 2003.

CHRISLER, J. C. Womanhood is Not as Easy as It Seems: Femininity Requires Both Achievement and Restraint. **Psychology of Women Quarterly**, v. 37, n. 2, p. 119-121, 2013.

CISNE, M.; SANTOS, S. M. M. dos. **Feminismo, diversidade sexual e Serviço Social**. São Paulo: Cortez, 2018.

CONNELL, Raewyn. **Masculinities**. Berkeley: University of California Press, 1995.

COONTZ, S. The world historical transformation of marriage. **Journal of Marriage and the Family**, p. 974-979, 2004.

DELPHY, C. **Close to Home: A Materialist Analysis of Women's Oppression**. London: Verso Books, 2016.

DELPHY, C. Patriarcado (teorias do). In: HIRATA, H.; LABORIE, F.; LE DOARÉ, H.; SENOTIER, D. (Org.). **Dicionário Crítico do Feminismo**. São Paulo: EdUNESP, p. 173-178, 2009.

DELPHY, C.; LEONARD, D. **Familiar Exploitation: A New Analysis of Marriage in Contemporary Western Society**. Cambridge: Polity, 1992

DESLANDES, S. F.; GOMES, R.; MINAYO, M. C. de S. (org.). **Pesquisa social: teoria, método e criatividade**. 26. ed. Petrópolis: Vozes, 2007. Disponível em: <https://antrabrazil.files.wordpress.com/2022/01/dossieantra2022-web.pdf>. Acesso em: 30 dez. 2023.

DURÃO, F. A. **Metodologia de pesquisa em literatura**. São Paulo: Parábola, 2020.

DURÃO, F. A. **o que é crítica literária**. São Paulo: Nakin Editorial, Parábola Editorial, 2016.

ENGELS, F. **A origem da família, da propriedade privada e do Estado**. 7. ed. São Paulo: Editora Alfa-Omega, 1986.

FEDERICI, S. **Caliban and the witch: Women, the body and primitive accumulation**. New York: Autonomedia, 2021.

FELSKI, Rita. **Literature after feminism**. Chicago: University of Chicago Press, 2003.

FINLAY, S. J.; CLARKE, V. A Marriage of Inconvenience? Feminist Perspectives on Marriage. **Feminism & Psychology**, v. 13, n. 4, p. 415-420, 2003.

- FIRESTONE, S. **The Dialectic of Sex: The Case for Feminist Revolution**. London: The Women's Press, 2003
- FOUCAULT, Michel. **História da Sexualidade**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1976.
- FRANCHETTO, B; CAVALCANTI, M. V. C; HEILBORN, M. L. **Antropologia e feminismo**. Perspectivas Antropológicas da Mulher, v. 1. Rio de Janeiro: Zahar, 1981.
- FRASER, Nancy. **Justice Interruptus: Critical Reflections on the "Postsocialist" Condition**. New York: Routledge, 1997.
- FRIEDAN, B. **The Feminine Mystique**. 50th Anniversary Edition. Nova York: W. W. Norton & Company, 2013.
- GARCIA, C. C. **Breve história do feminismo**. São Paulo: Claridade, 2011. 120 p.
- GIL, A. C. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2002.
- GILLIGAN, Carol. **In a Different Voice: Psychological Theory and Women's Development**. Cambridge: Harvard University Press, 1982.
- GOMES, I. C. **O sintoma da criança e a dinâmica do casal**. São Paulo: Escuta, 1998.
- GONÇALVES, R. C. P. et al. Gênero, poder e um sinalagma até então extorquido: o contrato sexual silenciado pelas teorias do contrato social. **Interfaces Científicas-Direito**, v. 7, n. 3, p. 117–134-117–134, 2019.
- GUILLAUMIN, C. Prática do poder e ideia de natureza. In: FERREIRA, V. et al. (Org.). **O patriarcado desvendado: teorias de três feministas materialistas**. Recife: SOS Corpo, p. 45-68, 2014.
- HATFIELD, Elaine; RAPSON, Richard L. **Love and sex: Cross-cultural perspectives**. New Jersey: Allyn & Bacon, 1996.
- Hooks, b. **A vontade de mudar: homens, masculinidades e amor**. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 2005.
- hooks, bell. **The Will to Change: Men, Masculinity, and Love**. New York: Atria Books, 2004
- JANKOWIAK, W. R.; FISCHER, E. F. A cross-cultural perspective on romantic love. **Ethnology**, v. 31, n. 2, p. 149-155, 1992.
- KATZ, J. N. **The Invention of Heterosexuality**. Chicago: University of Chicago Press, 2014.
- LERNER, G. **A Criação do Patriarcado**. Bielefeld: BOD GmbH DE, 2019.
- MACKINNON, Catharine A. *Toward a Feminist Theory of the State*. Cambridge: Harvard University Press, 1989.
- MARTINS, G. A; PINTO, R. L. **Manual para elaboração de trabalhos acadêmicos**. São Paulo: Atlas, 2021.
- MATLIN, M. W. **The Psychology of Women**. Fort Worth: Harcourt Brace Jovanovich, 2000.

MELO, Marta Amado de Moura. **Uma Reflexão sobre a Condição Feminina em Gabriela, Cravo e Canela: Patriarcado, Casamento e Subjugação no Romance**. Dissertação de Mestrado em Letras Português – Universidade Federal de São Paulo (UNIFESP), Guarulhos, 2020.

MICHAELIS. **Dicionário Escolar Língua Portuguesa**. 3. ed. São Paulo: Editora Melhoramentos, 2023.

MILLETT, K. **Sexual Politics**. Cambridge: Cambridge University Press, 1969.

MINAYO, M. C. de S. Laços perigosos entre machismo e violência. **Ciência & Saúde Coletiva**, v. 10, p. 23-26, 2005.

MOLYNEUX, Maxine. Mobilization without Emancipation? Women's Interests, the State, and Revolution in Nicaragua. **Feminist Studies**, v. 11, n. 2, p. 227-254, 1985.

MULVEY, Laura. Visual Pleasure and Narrative Cinema. **Screen**, v. 16, n. 3, 1975, p. 6-18.

OLIVEIRA, J. M.; DA COSTA, C. G.; SANTOS, N. Problematizando a humanidade: para uma psicologia crítica feminista queer. **Annual Review of Critical Psychology**, v. 11, p. 59-77, 2014.

PARKER, G. et al. Why women choose divorce: Na evolutionary perspective. **Current Society in psychology**, v. 43, p. 300-306, 2022.

PATEMAN, C. **Sexual Contract**. In: RICHARDS, L.; MONROE, J. (Org.). **The Wiley Blackwell Encyclopedia of Gender and Sexuality Studies**. Oxford: Wiley Blackwell, p. 1-3, 2016.

PATEMAN, Carole. **O contrato sexual**. Tradução Marta Avancini. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1993.

PETERS, H. Elizabeth; DUSH, Claire Kamp M. (Ed.). **Marriage and Society: Perspectives and Complexities**. Cambridge: Cambridge University Press, 2009.

RAI, Shirin. **Gender and the Political Economy of Development: From Nationalism to Globalization**. Cambridge: Polity Press, 2002.

RICH, A. **Compulsory Heterosexuality and Lesbian Existence**. In: WILLIAMS, M.; PHILLIPS, A. (Org.). **Culture, Society and Sexuality**. Londres: Routledge, p. 225-252, 2010.

RICH, A. **De mulher nascida**. São Paulo: Brasiliense, 1980.

ROCHA-COUTINHO, M. L., LOSADA, B. (2007). Redefinindo o significado da atividade profissional para as mulheres: o caso das pequenas empresárias. **Psicologia em Estudo**, 12(3), 493-502.

RUBIN, Gayle. **The Traffic in Women: Notes on the 'Political Economy' of Sex**. In: REITER, Rayna R. (Ed.). **Toward an Anthropology of Women**. New York: Monthly Review Press, 1975. p. 157-210.

- RUSSO, V. **The Celluloid Closet: Revised Edition**. Nova York: HarperCollins, 1987.
- SAFFIOTI, H. I. B. **O Poder do Macho**. São Paulo: Editora Moderna, 1987.
- SAFFIOTI, H. I. B. **Quem Tem Medo dos Esquemas Patriarcais de Pensamento?** In: **Crítica Marxista**, São Paulo, n. 11, out, p. 45-63, 2000.
- SAFFIOTI, H. I. B. **Rearticulando Gênero e Classe Social**. In: COSTA, A. de O.; BRUSCHINI, C. **Uma Questão de Gênero**. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, p. 75-92, 1995.
- SAFFIOTI, Heleieth I. B. **Gênero e patriarcado**. 2. ed. São Paulo: Expressão Popular, 2015.
- SAFFIOTI, Heleieth; MENDES, Juliana Cavilha; BECKER, Simone. Entrevista com Heleieth Saffioti. **Estudos Feministas**, p. 143-165, 2011.
- SCHOLZE, L. A mulher na literatura: gênero e representação. **Revista Gênero**, v. 3, n. 1, 2002.
- SCOTT, J. Gênero, uma categoria de análise histórica. In: **Educação e Realidade**. V. 16, n. 2, Jul/Dez 2010.
- SCOTT, Joan. **Gender: A Useful Category of Historical Analysis**. **The American Historical Review**, v. 91, n. 5, p. 1053-1075, 1994.
- SHOWALTER, E. **A Crítica Feminista no Território Selvagem**. Tradução de Deise Amaral. In: HOLLANDA, H. B. de (Org.). **Tendências e Impasses: O Feminismo como Crítica da Cultura**. Rio de Janeiro: Rocco, p. 123-145, 1994.
- SILVA, I. P. A. O patriarcado: uma prescrição conjugal. **Colóquio do Museu Pedagógico-ISSN 2175-5493**, v. 11, n. 1, p. 2487-2495, 2015.
- STARK, E. **Coercive control: How men entrap women in personal life**. Oxford: OUP, 2007.
- TOERIEN, M.; WILLIAMS, A. In Knots: Dilemmas of a Feminist Couple Contemplating Marriage. **Feminism & Psychology**, v. 13, n. 4, p. 432-436, 2003.
- TYSON, L. **Critical theory today: a user-friendly guide**. 4. ed. New York, London: Routledge, 2021.
- UNGER, R. K.; CRAWFORD, M. E. **Women and Gender: A Feminist Psychology**. New York: TUP, 1992.
- USSHER, J. M. **Fantasies of Femininity: Reframing the Boundaries of Sex**. London: RUP, 1997.
- WALBY, S. Gender mainstreaming: Productive tensions in theory and practice. **Social Politics: International Studies in Gender, State & Society**, v. 12, n. 3, p. 321-343, 2005.
- WATSON, B. et al. The meaning of body image experiences during the perinatal period: A systematic review of the qualitative literature. **Body image**, v. 14, p. 102-113, 2015.

WOLF, N. **O Mito da Beleza: Como as Imagens de Beleza São Usadas Contra as Mulheres**. Rio de Janeiro: Record, 2018.

WOOLLETT, A.; MARSHALL, H. **Motherhood and Mothering**. In: **Handbook of the Psychology of Women and Gender**. New York: Wiley, p. 170-182, 2001.

ZAPPONE, M. H. Y.; WIELEWICKI, V. H. G. Afinal, o que é Literatura? In: BONNICI, T.; ZOLIN, L. O. (Orgs). **Teoria Literária: abordagens históricas e tendências contemporâneas**. 3 ed. Maringá: Eduem, 2019.

ZOLIN, L. O. Crítica Feminista. In: BONNICI, T.; ZOLIN, L. O. **Teoria Literária: abordagens históricas e tendências contemporâneas**. 3. Ed. Maringá: Eduem, 2012. p. 217-242.

ZORDAN, E. P.; FALCKE, D.; WAGNER, A. Casar ou não casar? Motivos e expectativas com relação ao casamento. **Psicologia em revista**, v. 15, n. 2, p. 56-76, 2009.

REFERÊNCIA LITERÁRIA

REID, Taylor Jenkins. **The seven husbands of Evelyn Hugo**. New York, Washington Square Press, 2017.